



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

CLEITON DA SILVA DUARTE LIRA

**O “CÁRCERE DA SANTA OLIGARQUIA”: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO
MITOLÓGICA DE SERRA DA RAIZ/PB POR MEIO DE CRÔNICAS**

**GUARABIRA-PB
2021**

CLEITON DA SILVA DUARTE LIRA

**O “CÁRCERE DA SANTA OLIGARQUIA”: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO
MITOLÓGICA DE SERRA DA RAIZ/PB POR MEIO DE CRÔNICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado ao curso de Licenciatura Plena em
Letras Português da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de graduado em Letras Português.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Suely da Costa

**GUARABIRA-PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L768c Lira, Cleiton da Silva Duarte.
O "Cárcere da Santa Oligarquia" [manuscrito] : uma análise da representação mitológica de Serra da Raiz/PB por meio de crônicas / Cleiton da Silva Duarte Lira. - 2021.
76 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Ficção. 2. Realidade. 3. Práticas Socioculturais. 4. Oligarquia. 5. Serra da Raiz. I. Título

21. ed. CDD 981.33

CLEITON DA SILVA DUARTE LIRA

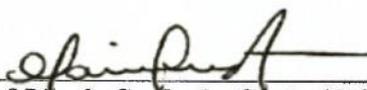
**O “CÁRCERE DA SANTA OLIGARQUIA”: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO
MITOLÓGICA DE SERRA DA RAIZ/PB POR MEIO DE CRÔNICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado ao curso de Licenciatura Plena em
Letras Português da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de graduado em Letras Português.

Área de concentração: Literatura e estudos
culturais.

Aprovado em: 13/09/2021.

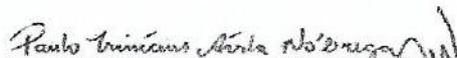
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Maria Suely da Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins (1º Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Paulo Vinicius Ávila Nóbrega (2º examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Ao maior de todos os metres,
Cristo.Criador.Sol*

AGRADECIMENTOS

Em minha carne queima todas as vozes silenciadas. É à noite que ouço seus sussurros.

A realização deste trabalho foi atravessada por dores, assim como, em alusão, as dores de um parto. Porém, só consegui suportar essas dores porque tive amigos, professores e familiares que foram de inestimada importância para o nascimento desta pesquisa. No tocante a isso, agradeço a minha estimada orientadora, a Prof.^a Dr.^a **Maria Suely da Costa** que, com seu olhar atento, contribuiu para a revisão e aprofundamento de aspectos relevantes nesta pesquisa, os quais, como um escultor que molda estátuas de uma rocha disforme, busquei, por meio de suas orientações, polir e dá forma nas ideias aqui gestadas.

Agradeço também ao meu amigo, professor e parceiro nas atividades acadêmicas, o professor Dr. **Paulo Vinícius Ávila Nóbrega** que, com honradez, aceitou o convite para fazer parte da minha banca. A sua presença na minha linha do tempo fez toda a diferença, principalmente quando foram seus conselhos sábios que me conduziram a enxergar a minha vida com mais sabedoria.

Quero agradecer também ao meu grande amigo de infância, professor, irmão de outra vida, **Júlio César Miguel de Aquino Cabral** pela indescritível contribuição para a realização desta pesquisa, sobretudo porque são seus textos, nossas ideias germinadas durante a infância que deram origem ao que aconteceu durante o ano de 2015. O leitor que desejar entender Serra da Raiz a partir de seus textos compreenderá, também, a sua própria realidade, à medida que o que escrevemos tende a universalidade e atualidade independentemente do tempo.

Não poderia, também, deixar de agradecer a **Marilia Gabriela do Nascimento Domingos**, a minha Gaby, namorada, noiva, amiga e a mulher que compreende, em seus detalhes, todas as crises de ansiedade, de pânico, crises existenciais, problemas do cotidiano que tive que enfrentar para construir esta pesquisa.

Sou grato também aos meus familiares: Verônica da Silva Duarte Lira (mãe), Miguel Luis Duarte Lira (pai), Antônio Evangelista Duarte Sobrinho (irmão), Lenísio Hermano da Silva Duarte Lira (irmão) e Luana da Silva Duarte Lira (irmã) e a Valderedo Barbosa Lira (cunhado). Saibam que aqui há um pedaço de cada um de vocês. Vocês fizeram a diferença na minha vida!

Agradeço aos amigos que o Centro de Humanidades, UEPB, Campus III-Guarabira/PB me trouxe: Deivid da Silva Costa, Joanderson Santos, Liliane Costa, e ao professor Dr. **Juarez Nogueira Lins** que, honrosamente, aceitou o convite para avaliar este singelo trabalho. Também sou grato pela casa que me abrigou durante essa fase da minha vida: a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Obrigado!

Agradeço também aos amigos e amigas que conheci durante meus minicursos e que, pela força imperiosa do destino, hoje fazem parte do primeiro periódico científico do Campus III da UEPB, a *SIRUIZ: Estudos Linguísticos e Literários*: a Prof.^a Doutoranda **Renata César de Oliveira** (UFRJ), a Prof.^a Doutoranda **Mariurka Maturell Ruiz** (UFSC), a Prof.^a Ms. **Fernanda Karyne de Oliveira** (IFPB), a Prof.^a Doutoranda **Suelen Pereira Estevam** (UFRRJ). A todos vocês, obrigado por acreditarem em mim.

O indivíduo pode ter a impressão de que seus sonhos são espontâneos e sem conexão. Mas o analista, ao fim de um longo período de observação, consegue constatar uma série de imagens oníricas com estrutura significativa.

(Carl Gustav Jung, 2002)

RESUMO

Para dialogar com uma realidade forjada por símbolos, é necessário o exercício de leitura ligada à realidade a fim de compreendermos, holisticamente, o sentido de nossas ações enquanto sujeitos. No tocante a isso, o objetivo geral desta pesquisa está em identificar, através das crônicas de Júlio César Miguel de Aquino Cabral, de que modo o “cárcere cultural” está representado na mitologia forjada pelas práticas oligárquicas de Serra da Raiz/PB. Compõem o objeto de estudo seis crônicas do citado escritor publicadas no *Facebook* entre os anos de 2015 - 2020, as quais tematizam acerca da realidade local do citado município paraibano, marcada por uma construção mítico-oligárquica. Metodologicamente, o trabalho segue por via de análise discursiva, tendo por fundamentação teórica, os estudos de Culler (1999), Durand (1993), Eliade (1986, 1992a, 1992b), Foucault (1987, 2019), Tuan (1983) entre outros. Conforme análise das crônicas de Cabral (2015, 2019, 2020), verifica-se a existência de um “cárcere cultural”, produto de um conjunto de práticas socioculturais e políticas instaladas em Serra da Raiz há anos pelas oligarquias. Assim, o universo literário, assimilando essas práticas em um correspondente mítico-simbólico, erigiu um novo olhar para os efeitos nocivos sobre a população: uma destruição consciente de si.

Palavras-chave: Ficção e Realidade. Práticas Socioculturais. Oligarquia. Serra da Raiz.

ABSTRACT

To dialogue with a reality forged by symbols, necessary exercise reading conected to reality in order to we understand, holistically, sense of our actions while subjects. Regarding that, the general objective of this research is of, by means of Júlio César Miguel de Aquino Cabral's chronics, how the "cultural prison" be represented on mythology forged for oligarchic actions of Serra da Raiz/PB. Composes the research object six chronics of writer published at Facebook between the years 2015-2020, whom thematize about local reality of paraibano municipality quoted, marked by a mythic-oligharchic construction. Methodologically, the work follow via of analysis discursive, having be theoretical reason, Culler (1999), Durand (1993), Eliade (1986, 1992a, 1992b), Foucault (1987, 2019), Tuan (1983) among others. According to analysis of the Cabral's chronics (2015, 2019, 2020), reveal what the existence of a "cultural prison", product of a set political and sociocultural experiences installed in Serra da Raiz for oligarchs. Thus, literary universe, assimilating that techniques in a corresponding mythical-symbolic, erect a new look for harmful effects about population: aware destruction-self.

Keywords: Fiction and Reality. Sociocultural practics. Oligarchy. Serra da Raiz.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Na seção do Jornal, informações sobre o contexto político de Serra da Raiz/PB	23
Figura 02 – Município de Serra da Raiz/PB, Rua Major Costa (1966).	33
Figura 03 – Folder de um evento intercidades intitulado <i>Raízes do Brejo</i> sediado em diversas cidades do brejo paraibano durante o ano de 2019.	39

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fragmentos da crônica “ <i>Serra da Copaoba – o dia do Bonfim</i> ” (2020).	55
---	-----------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFR – Constituição Federal da República

DH – Direitos Humanos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PSB – Partido Socialista Brasileiro

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PDT – Partido Democrático Trabalhista

SMC – Secretário Municipal de Cultura

SACI – Sociedade Amigos da Cultura Iniguaçu

TRE – Tribunal Regional Eleitoral

TSJ – Tribunal Superior de Justiça

TJ-PB – Tribunal de Justiça da Paraíba

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO II - A FORMAÇÃO DO “CÁRCERE CULTURAL” A PARTIR DAS CRÔNICAS DO COTIDIANO	17
2.1 A crônica: linguagem e cotidiano em foco.....	17
2.2 Uma realidade imaginada: a mitologia da copaoba	19
2.3 A união duvidosa: entre “intrigas” e a ascensão dos pais fundadores	27
CAPÍTULO III - O LUGAR DE NOSSAS GUERRAS E O PROGRESSO DE UMA “COLONIZAÇÃO SILENCIOSA”	33
3.1 “Novos caminhos” para se narrar Serra da Raiz	37
CAPÍTULO IV - O “ESPÍRITO DO CÁRCERE” E A PROFANAÇÃO DO TÚMULO: A EPIFANIA DOS SÍMBOLOS DE DOMINAÇÃO	49
4.1 O imperialismo dos iconoclastas e o “reino da serpente”: uma antítese necessária	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICE	67
ANEXOS	70

1 INTRODUÇÃO

A partir do afloramento de nossa consciência acerca de uma realidade compartimentada por símbolos, signos, discursos, saberes e representações firmadas no ficcional, no mitológico por uma “oligarquia” no município de Serra da Raiz¹, deu-se início a uma iniciativa ativista, em 2015, por meio do *Facebook*², na qual o escritor/professor/historiador paraibano Júlio César Miguel de Aquino Cabral³ publicou uma série de crônicas entre os anos de 2015 a 2020, com o objetivo de repensar a realidade social local, partindo de uma perspectiva na qual a realidade se funde com aspectos simbólicos a fim de atingir um sentido holístico do fenômeno observado.

Uma das inquietações que nos motivou a escolha da temática foi o silenciamento secular que vem se consolidando no município de Serra da Raiz há décadas como um fenômeno do cotidiano, vagueando “despercebido” pelo tempo, como se a existência dessas práticas inscritas no simbólico não possuísse materialidade no real. O objetivo não está em, a partir das crônicas, organizar um protótipo de verdade com relação à realidade, mas ponderar acerca de como aquilo que ousamos chamar de real vem sendo representado. Partindo da premissa de Campbell (1990), ao defender que o indivíduo necessita cartografar a sua história a fim de contá-la, de legá-la à posteridade como fizeram os pré-históricos, nas sociedades tradicionais, nós, a partir deste trabalho, queremos refletir sobre a representação dada, de uma forma diferente, à realidade local de Serra da Raiz (antiga Serra da Copaoba).

Através das crônicas de Cabral, queremos estabelecer relações com a historiografia que os antepassados nos deixaram; não para conceber as nossas interpretações como uma verdade, mas para compreender, de forma holística, se é que é possível, a presença “fantasmagórica” dos símbolos, dos discursos sinuosos, do tido “cultural”, “coisa do cotidiano”, ancorado como mantra no senso comum.

A relevância desta pesquisa está em poder contribuir para releituras sobre a cultura e a realidade sociopolítica do município de Serra da Raiz por meio de crônicas; além de fornecer reflexões que possibilitem novos exames acerca do que já foi escrito, refletido e popularizado por discursos outros que apresentam, de acordo com a historiografia presente, uma

¹Município pertencente ao estado da Paraíba, localizada a 138 km da região intermediária de João Pessoa – PB.

²Cf. <https://www.facebook.com/>.

³Júlio César Miguel de Aquino Cabral, nascido em 30 de novembro de 1995, filho de Josefa Miguel de Aquino e José Humberto Ferreira Cabral, é escritor, graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), mestre em História Cultural das Práticas Educativas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e, atualmente, também é professor efetivo na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Tomaz de Aquino, em Cuitegi – PB.

representação cultural, política (dos gestores e da cidade) incompatíveis com o real, no sentido empírico.

Em função disso, o objeto de estudo desta pesquisa está composto por 06 (seis) crônicas publicadas pelo escritor Cabral, entre os anos de 2015 a 2020. As crônicas analisadas intitulam-se: *Comunicado a todos os filhos de Serra da Raiz* (2015), *Apocalipse de Serra da Raiz-PB: O Nascimento da Tragédia – o Jardim da Copaoba I* (2015), *A Serra da Raiz que existe em mim* (2019), *Metáforas* (2019), *Lúcifer* (2020), *Serra da Copaoba – o dia do Bonfim* (2020).

No *corpus* da análise, constam ainda 03 (três) entrevistas feitas por este pesquisador (autor deste trabalho), das quais, duas foram realizadas com o cronista Cabral nas seguintes datas: a primeira, em 30/10/2020 e a segunda, em 09/06/2021. A terceira entrevista foi realizada em 13 de março de 2021, com Jardel Gomes Ferreira, ex-segurança particular de Adailma Fernandes da Silva Lima durante as eleições municipais de 2008.

Partimos da hipótese de que os textos objetos de estudo colocam o citado cronista como um pioneiro em analisar e evidenciar uma realidade forjada e legitimada por aspectos míticos, aludindo características do ficcional como correlatas ao real, vivido no espaço de Serra da Raiz.

Enquanto aporte teórico-metodológico, alguns conceitos foram indispensáveis para entendermos esse espaço geográfico Serra da Raiz no seu equivalente mítico, como o conceito de “Lugar Mítico” de Tuan (1983), em seu livro *Espaço e Lugar: A perspectiva da Experiência*; Foucault (1987, 2019), com os conceitos de “Corpos Dóceis” e “Interdição”; Culler (1999) trazendo discussões sobre a literatura e os estudos culturais; Eliade (1986, 1992a, 1992b) com seu conceito de mitologia e Durand (1993) contribuindo com arqueologia dos símbolos e suas significações, entre outros.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa está em identificar, através das crônicas de Júlio César Miguel de Aquino Cabral, o modo como o “cárcere cultural” está representado na mitologia forjada pelas práticas oligárquicas de Serra da Raiz/PB.

Este trabalho está organizado, além da introdução e das considerações finais, em três capítulos. No primeiro capítulo pós-introdução, desenvolvemos uma discussão em torno das condições pelas quais levaram a origem do “cárcere cultural”, ou seja, analisamos algumas crônicas de Cabral, parte das entrevistas e os principais protagonistas envolvidos na criação dessa prisão que, com efeito, foi produto de uma mitologia ponderada, primeiramente representada pelo autor das crônicas.

No segundo capítulo, examinamos as relações entre o povo com o lugar físico Serra da Raiz e seu correspondente mítico (Mitologia da Copaoba), buscando uma ressonância acerca dos discursos que criaram miticamente esse lugar, mas, sobretudo, como se sucede o “processo seletivo” disposto implicitamente pelos oligarcas para retirar, do meio popular, sujeitos eficientes para a manutenção periódica do cárcere.

No terceiro capítulo, analisamos o “espírito do cárcere”, isto é, um conjunto de símbolos presentes nas práticas socioculturais e políticas dos “pais fundadores”⁴, além da expedição de Cabral sobre uma forma alternativa de se pensar a realidade física da cidade, e como essa realidade foi pensada a partir de suas crônicas.

⁴A expressão “**pais fundadores**” foi utilizada neste trabalho no sentido de atribuir às personalidades, Luiz Gonzaga Bezerra Duarte e Adailma Fernandes da Silva Lima, como os criadores do “cárcere cultural” e não fundadores do município de Serra da Raiz/PB.

2 A FORMAÇÃO DO “CÁRCERE CULTURAL” A PARTIR DAS CRÔNICAS DO COTIDIANO

2.1 A CRÔNICA: LINGUAGEM E COTIDIANO EM FOCO

Muito se tem debatido sobre a natureza dos gêneros (textuais ou discursivos) no escopo historiográfico. Em primeira análise, tem-se que os gêneros textuais são formas de manifestação verbal que estão presentes no cotidiano e que, de modo especial, sua materialidade estaria expressa em artigos de opinião, bula de remédio, palestra etc. Com tal característica,

Importante é perceber que os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas. Gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos (MARCUSCHI, 2010, p. 25-26).

Por meio destas definições, podemos compreender o ordenamento específico ao que seria “gênero”, sendo determinado pela invariabilidade e sistematização formal a partir de “propriedades linguísticas” específicas. No movimento historiográfico,

[...] uma simples observação histórica do surgimento dos gêneros revela que, numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII a.C., multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. Numa terceira fase, a partir do século XV, os gêneros expandem-se com o florescimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dar início a uma grande ampliação (MARCUSCHI, 2010, p. 20).

Na antiguidade, por ausência de tecnologias as quais dispomos na atualidade, os gêneros eram limitados e, com o processo de modernização das sociedades humanas, de modo especial através das revoluções industriais, sucedeu-se o “[...] fato de que os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem” (MARCUSCHI, 2010, p.20).

Nesta última citação, Marcuschi nos fornece a estrutura basilar para a determinação do aspecto funcional dos gêneros no tecido social. Enquanto sociedade, os sujeitos necessitam representar o mundo, isto é, de representar a sua realidade por algum canal inteligível, crível e sólido ao conhecimento humano. “É nesse contexto que os gêneros textuais se constituem

como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo” (MARCUSCHI, 2010, p.23). Confirmando esta asserção,

[...] evidencia-se a circunstância de os gêneros desenvolverem-se e se integrarem sócio-historicamente em virtude da comunicabilidade a que se propõem, conforme características próprias. Ou seja, cada gênero mantém estreita relação com um determinado meio de comunicação (PAULA, 2011, p. 192).

Os gêneros textuais e discursivos, como os conhecemos, possuem natureza social, isto é, existem porque existem indivíduos que se relacionam de forma complexa com sua comunidade e geram novas circunstâncias de expressões comunicativas sobre as quais há a necessidade de criar novos meios pelos quais esses sujeitos possam materializar aquilo que se encontra no campo da subjetividade.

Subsidiando a nossa discussão, o gênero textual narrativo crônica é um gênero majoritariamente curto e com o objetivo de narrar acontecimentos do cotidiano. À custa disso, sua ambientação é simples, personagens planos e captura de elementos do real como método de compensar a simplicidade da linguagem, do senso comum e organizando, por meio da linguagem literária, formas de reflexão que, à luz da objetividade, passariam despercebidas ao crivo popular de acordo com a interpretação desta pesquisa. Assim,

O gênero crônica surgiu no Brasil no século XIX, no período do Romantismo e com o desenvolvimento da imprensa e tratava de diversos temas do cotidiano da época. É considerado um dos gêneros jornalísticos mais antigos e até hoje exerce essa função social de comentar fatos do dia a dia da sociedade, buscando um ângulo diferente, trazendo consigo a reflexão (SANTOS, 2016, p. 5).

Nas crônicas analisadas neste trabalho, encontramos os aspectos elencados por Santos (2016), Paula (2011), Marcuschi (2010), primeiramente por o gênero textual/discursivo estar situado em contextos comunicativos reais e, sobretudo, serem definidos pela interação entre sujeitos, além de possuírem objetivos de uso social.

Entrelaçado por uma tipologia textual narrativa, a crônica se vale de uma linguagem simples que tenciona atingir o maior número de pessoas possíveis.

Segundo Köche & Marinello (2013), a crônica consiste em um texto que faz uma reflexão pessoal em relação a fatos do cotidiano que, em alguns casos, aparentemente não tem muita relevância, no entanto, o cronista o significa, colocando-o em evidência, mostrando ângulos não percebidos (KOCHE; MARINELLO, 2013 *apud* SANTOS, 2016, p. 6).

A escolha da crônica não foi despreziosa em nossa pesquisa, sobretudo porque o contexto em que foram produzidas por Cabral, relaciona-se com o modo de atuação dos personagens (representantes políticos) de Serra da Raiz; a forma como narram à realidade local, os discursos que professam acerca do desenvolvimento, da dignidade humana, do progresso, a velha concepção de ostracismo da cidade, o combate à pobreza, entre outras questões.

As crônicas de Cabral remetem à antítese desses discursos incompatíveis com a realidade empírica, aquela que comprovamos por meio de dados, análises etnográficas, vídeos, depoimentos, fotografias. Os apontamentos de Santos (2016) conjuram, a partir da crônica, uma reflexão mais profunda dessas imagens do cotidiano a fim de capturar o oculto, o não dito e traduzi-los em seus pontos de inflexões com o intuito de promover um dos fundamentos da linguagem literária: a reflexão e a criticidade concernentes ao real.

2.2 UMA REALIDADE IMAGINADA: A MITOLOGIA DA COPAOBA

No ano de 1964, Gilbert Durand (1921-2012) publicava o seu livro *A Imaginação Simbólica*, obra fundamental que provocou incômodos às velhas concepções que particularizavam a aceção de *significado* num sistema restrito, como a concepção do linguista suíço Ferdinand de Saussure, que, de acordo com Compagnon (1999), assimilava à linguagem um aspecto de soberania sobre a realidade.

Em contraposição, Durand não pensava a relação de significado e significante como algo a ser referenciado e estancado no mundo sensível, para ele, de modo especial, havia duas categorias de manifestação simbólica, a primeira estaria calcada numa consciência direta, “[...] na qual a própria coisa parece estar presente no espírito, como na percepção ou na simples sensação” (DURAND, 1993, p. 7). E a segunda, por sua natureza, sucedia-se de forma indireta, na qual o significado não elegia como referência um objeto do mundo sensível, mas um sentido *a priori*, ou seja, uma forma de sensibilidade e subjetividade cuja expressão não estaria ligada a realidade sensível (DURAND, 1993).

No livro *O demônio da teoria: literatura e senso comum* (1999), de Antoine Compagnon, especificamente no capítulo “*O Mundo*”, encontra-se o cisma que se formou em torno da teoria literária entre as décadas de 60 e 70 com o advento dos estudos culturais que, para muitos teóricos, seria uma “epifania misteriosa” que conceberia o fim dos estudos

literários, uma vez que estes, do modo como estavam estruturados, não eram suficientes para compreender os pontos de inflexões e complexidades características da modernidade.

Jonathan Culler, crítico literário norte-americano publicou, no ano de 1999, um livro intitulado *Teoria Literária: uma introdução*, o qual dedicou um capítulo nomeado de *Literatura e Estudos Culturais*, no qual escreveu sobre as dissidências que envolviam os estudos culturais e os estudos literários, determinando que os estudos culturais se tornassem prioridade de muitos estudiosos, porque em oposição aos estudos literários, os estudos culturais desdobravam-se em um arco maior de estudos sobre os quais a própria literatura, os estilos, os gêneros, por exemplo, seriam formas de manifestação cultural e não uma simplória representação da realidade ou denúncia dela própria por meio de uma linguagem literária.

Outro conceito indispensável para tratarmos da representação metafórica do cárcere em Serra da Raiz, foi o conceito de *Espaço e Lugar Mítico* do geógrafo chinês Yi-Fu Tuan, no qual ele explica, por meio do estudo dos efeitos de experiência entre determinado sujeito com seu lugar, como nós utilizamos concepções míticas para criar a nossa realidade. Noutras palavras, o lugar onde vivemos é atravessado por subjetividades, valores, crenças e formas heterogêneas de manifestação consciente ou inconsciente de narrativas fictícias (simbólicas) que agem dialeticamente com o real.

No tocante a isso, o “cárcere” aqui tratado é visto como produto de subjetividades, de múltiplas experiências individuais e coletivas, em que, por meio de uma realidade forjada pelos oligarcas, os seus “detentos” (os habitantes) foram conjugados e destituídos da própria ideia de prisão, sendo esta uma espécie de “epifania”, exorcizada por interesses da elite local e, com efeito, pela comunidade em geral.

As crônicas de Cabral, objeto deste estudo, surgem como instrumento de denúncia comprometido com as articulações sociopolíticas e culturais cunhadas sob uma mitologia social, coordenada para determinar a realidade sobre a qual repousa a diligência de ocultar o cárcere construído no município de Serra da Raiz pela oligarquia. Tais crônicas vinculam-se ao movimento político e literário⁵, iniciado em 2015, liderado pelo objetivo de compreender

⁵Esse “movimento” não foi institucionalizado no sentido de possuir documentos oficiais de sua abertura, embora possa ser caracterizado como um movimento ativista por haver uma significativa produção textual a partir de 2015 e que se estende aos dias atuais (2021). Esse movimento foi criado, em 2015, a partir de publicações de crônicas pela rede social *Facebook*. O marco inicial deste ativismo pode ser datado a partir da primeira publicação de Cabral, no dia 05 de março de 2015, com o texto “*Comunicado a todos os filhos de Serra da Raiz-PB*”. Seus fundadores foram Júlio César Miguel de Aquino Cabral, escritor/professor/historiador e Cleiton da Silva Duarte Lira, escritor/professor/letrólogo, ambos munícipes serra-raizenses. A dimensão política desse movimento se estende ao propósito de refletir acerca do silenciamento por parte da população ao longo do governo de um grupo oligárquico e quais poderiam ser as causas desse silenciamento, buscando, a partir das crônicas, denunciá-lo.

como, ao longo de décadas, essa “prisão cultural”, entendida como espécie de cárcere, foi formada, buscando assimilar seus pontos de inflexões, suas rupturas, suas formas de manifestação por parte daqueles que a forjaram.

Do ponto de vista das relações sociais de poder, no século XX, Foucault (1987) descrevia a representação de soldados dentro do sistema de organização social e administrativo do exército no século XVII, compilando o modo pelo qual o soldado era pensado e, sobretudo, constituído a partir da disciplina, da ideologia e do espírito de nobreza que deveria segui-lo nas batalhas. De acordo com o filósofo,

[...] no início do século XVII se descrevia a figura ideal do soldado. O soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu orgulho; seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia; e se é verdade que deve aprender aos poucos o ofício das armas – essencialmente lutando – as manobras como a marcha, as atitudes como o porte da cabeça se originam, em boa parte, de uma retórica corporal de honra (FOUCAULT, 1987, p. 117).

O conceito de *Corpos Dóceis* de Foucault (1987) foi fecundo em nossa pesquisa, a partir do que seria indispensável à existência do cárcere, à custa de que os indivíduos fossem fabricados e institucionalizados por meio de discursos que os levariam a reproduzir essas práticas como naturalizadas em seu cotidiano.

Do mesmo modo que Foucault analisa como os soldados foram subjetivados com noções simbólicas de vigor, coragem, patriotismo e liderança sob o brasão da defesa da pátria, o cronista Cabral põe sob foco, em sua segunda crônica intitulada *Apocalipse de Serra da Raiz – PB: o nascimento da Tragédia – Jardim da Copaoba I*, publicada no dia 07 de junho de 2015, no *Facebook*, de que modo os representantes políticos agiam sobre o eleitorado (subjetivando-os) e que função esse eleitorado representava para eles:

No início era o Caos. O vento do descaso banhava o mundo das pessoas comuns. Em cima desse mundo, havia o Jardim da Copaoba. Lá viviam os Deuses. Eles pouco se importavam com o mundo dos humanos. Viviam em harmonia, faziam festas e costumavam se reunir em grandes reuniões onde saboreavam um líquido muito amado chamado de “*Suordepobre*”. [...] Mas, certo dia, alguns desses deuses notaram que, no seu copo bancário, havia menos “*Suordepobre*” do que no copo dos outros Deuses e então o céu tremeu: nasce à tragédia! O sol perdeu o brilho, a lua perdeu a cor, o mar das redes sociais foi agitado pela fúria da ganância. Eles se rebelaram contra os outros deuses, juntaram uma legião de anjos e fugiram para a terra dos homens comuns (CABRAL, 2015, s.p.).

Este fragmento é apenas uma parte dessa crônica no qual o escritor representa dados acontecimentos do cotidiano por meio de uma profecia bíblica: o Apocalipse de São João. A representação da narrativa se dá a partir de uma epifania que foi desperta através da escassez de um líquido sagrado ficcionalizado e/ou metaforizado por Cabral o qual chamou de “Suordepobre”, que pode significar – como o autor evidencia no texto –, a usurpação da dignidade e o enriquecimento pessoal através das minorias e da manutenção da pobreza.

Na crônica, Cabral narra um cenário em que as pessoas são postas como classe subalterna em relação ao deleite dos chefes, uma minoria subordinada pela necessidade. Implicitamente, esses “Deuses” que seriam os pais fundadores e a estirpe comandada por eles, conhecem a “fome das pessoas”, seus desejos emocionais e materiais, o que lhes dão poder para se constituírem como império.

Ao sedimentar essa reflexão para além da historiografia, a extensão do poder se eleva ao campo do simbólico. Por meio do medo se controla a liberdade, impede-se o progresso, desembocando na gestação periódica, sempre que falta; do “Suordepobre”.

Importante destacar que durante o ano de 2015, quando o escritor publicou suas primeiras crônicas, houve uma recepção que se desdobrou em dois segmentos: o primeiro foi a recepção por parte da comunidade ativa no Facebook, que enxergava Cabral como o “menino inteligente”, “corajoso”, alguém a se parabenizar pelo grande feito em operar a realidade a partir de uma sensibilidade e escrita impecáveis⁶.

Por outro lado, os representantes políticos: vereadores, secretários, líderes de situação e oposição, muniram-se dos textos de Cabral como palanque para se atacarem mutuamente. Contudo, acredita-se que o objetivo do escritor não era de atingir precisamente a estirpe política da cidade, mas a comunidade em geral que recebeu a crítica do texto como ficcional, não gerando o efeito esperado, ou seja, de que alguns indivíduos se insurgissem contra o sistema opressor e conferisse legitimidade à premissa de que havia um silenciamento em torno das práticas políticas dos oligarcas.

A reação popular no contexto de 2015 pode ser compreendida de acordo com a trajetória política de Luiz Gonzaga Bezerra Duarte⁷ (atual prefeito) e sua ex-esposa, Adailma

⁶A nossa afirmação sobre a recepção desta crônica está firmada nos seguintes dados: o *post* analisado possui 115 curtidas, 47 comentários e 85 compartilhamentos. Após análise, o leitor perceberá, majoritariamente, o caráter dos elogios acerca deste texto por alguns indivíduos da cidade, principalmente previsões de munícipes da cidade sugerindo que o texto seria usado como palanque político, dentre os quais personagens de grupos oposicionista e situacionista como Adailma Fernandes que era prefeita na época, parabenizando Cabral por, talvez, “entender” que a crítica não se dirigia ao seu governo. Cf. <https://bitly.com/zc1MA>.

⁷Luiz Gonzaga Bezerra Duarte, nascido em 12 de fevereiro de 1956, filho de Maria Bezerra Duarte e Antonio Evangelista Duarte; iniciou a sua carreira política como vereador e 2º secretário da Câmara Municipal de Serra

Fernandes da Silva Lima⁸ (ex-prefeita). Na imagem abaixo, podem-se perceber os conflitos originados após a vitória de Adailma Fernandes no ano 2000:

Figura 01: Na seção do Jornal, informações sobre o contexto político de Serra da Raiz – PB.



Fonte: Jornal Tribuna (2001).

Essa fonte documental evidencia a polarização do poder figurada em “*Bacurau*” e “*Paraguai*” que, por mais de uma década, nomeadamente até o ano de 2008 quando acontece a ruptura na antiga narrativa do *Paraguai* e do *Bacurau*, culminando com a união de Luiz e Adailma, assim como de seus apoiadores. Segundo Foucault (2008, p. 31), “Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar”.

A escolha de Luiz Machado e Adailma Fernandes como gestores da cidade não foi uma questão problematizada pelos intelectuais da época que, por razões desconhecidas, não viram interesse na questão. Porém, de acordo com as considerações de Foucault (2008), este trabalho se interessou por entender quais narrativas foram silenciadas pela oligarquia, a partir

da Raiz entre os anos de 1988 a 1992. No ano de 1992, com as eleições municipais, Duarte se elegeu para o mandato de 1993 a 1996 como prefeito. Posteriormente, também foi prefeito no exercício de 2009-2012 e 2021-2024 (atualmente).

⁸Adailma Fernandes da Silva Lima, nascida em 03 de novembro de 1964, filha de Manoel Barbosa da Silva e Josefa Fernandes da Silva; iniciou a sua carreira política como prefeita nas eleições de 2000 para o exercício de 2001-2004, elegendando-se em 2004 para o exercício de 2005-2008 como prefeita e nos anos de 2013-2016 e 2017-2020 como prefeita, culminando em quatro mandatos.

do objeto estudo deste trabalho, após a despolarização do poder em 2008, como objetivo específico⁹.

A categoria “povo”, na pós-modernidade de Serra da Raiz, passou a ser analisada a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Cabral, intitulado *A fabricação do outro: as representações do povo na obra figuras e paisagens do padre Luís Gonzaga de Oliveira (1948-1959)*¹⁰ e de um artigo publicado na VII Semana de Humanidades no Campus III, Guarabira (PB) intitulado *A Estética da Representação: O Universo romântico orquestrado na obra A Tragédia Do Major*¹¹ do Padre Luís Gonzaga de Oliveira. Ambos os trabalhos têm em comum a protagonização do padre, intelectual, escritor e latifundiário do século XX. No tocante a isso, Lira (2019, p. 4, grifo nosso) escreve que:

O padre Luís G. de Oliveira recria, conforme as suas memórias que outrora se valera; as lembranças das histórias que ouvira e vivera – uma imagem aparentemente correspondente com a posição social do Major. Todavia, conforme se desenrola os fatos no enredo do romance, o autor vai criando argumentos para legitimar o fracasso do major: *o povo é culpado*. Na apresentação do livro, elaborada na incumbência de Antônio Cavalcante da Costa Neto, o mesmo afirma que foi devido à confiança do major nas pessoas, isto é, no povo, que ele acabou perdendo tudo o que conquistou.

A obra que analisamos na época se tratava de um romance memorialista no qual o padre narrava imagens de sua infância, sobretudo do contexto em que seu pai, Belarmino Augusto de Oliveira foi proprietário de dois engenhos em Serra da Raiz entre os séculos XIX e XX.

Politicamente, já que os engenhos foram instintos na cidade antes da emancipação de 1959, o povo era liderado pelos industriais da cidade, influência que se perpetuou depois da emancipação com o cordialmente conhecido “*voto de cabresto*”. A produção literária do padre antes e durante a emancipação política influenciou na forma como seus contemporâneos iriam

⁹Além de ser uma das motivações desta pesquisa, a razão social é simples, em tese. A gestão apresentava a população uma Serra da Raiz imaginada, isto é, só existia idealmente em seus discursos. Ao realizarmos, de forma voluntária, uma série de arrecadação de alimentos para famílias em estado de vulnerabilidade social em zonas rurais e zonas urbanas (2015, 2016), fomos confrontados com o fato de que havia miséria, e que para os munícipes se desenvolverem econômica e socioculturalmente, a cidade necessitava de novos direcionamentos, ou seja, de gestores (as) outros (as) que dessem conta de sanar as vulnerabilidades desse grande público não assistido enquanto seres humanos pelo poder público.

¹⁰Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) defendido no ano de 2018 na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); Campus III, Guarabira – PB.

¹¹Primeira edição lançada no ano de 1962 pela Gráfica – *A Imprensa*. E a segunda edição lançada no ano de 2015 pela ONG SACI (Sociedade Amigos da Cultura Iniguaçu) da cidade de Serra da Raiz.

enxergar os aspectos mais singulares do povo¹². Neste sentido, analisamos a obra *A Tragédia do Major* com o objetivo de entender como o a narrativa de uma pessoa que ocupa um determinado lugar de prestígio social e religioso, construiu a derrota econômica do Major João Marques, personagem do livro e que existiu de fato como dono de um engenho na cidade, situando o povo como culpado. Nesta perspectiva, Cabral escreve o seguinte:

Este capítulo tem o objetivo de mostrar as representações do “povo” nos textos do padre Luís Gonzaga de Oliveira. Mais especificamente pretendo expor duas imagens que são constantes em sua obra: o homem predestinado ao trabalho braçal e pessoas de espírito pouco profundo. Pessoas com uma fome insaciável para trabalho, que não reclamam da dureza do ofício. Pacíficos, simples e supersticiosos (CABRAL, 2018, p. 30).

O excerto é parte de um capítulo intitulado “*Espírito raso e coragem de um burro de engenho*” do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Nele, o historiador tenciona de forma clara, que pretende discutir como o povo foi “fabricado” através da narrativa do padre, de acordo com a imagem da simplicidade, do amor a obediência pelo senhor de engenho e pela disposição indiscriminada pelo trabalho braçal.

Nos festivais espetacularizados pela atual administração nas últimas décadas, como as atrações de Carnaval, São João, Réveillon e entre outras datas festivas, tem-se robustecido essas ideias “primordiais” do bom homem, da cidade aconchegante, do povo hospitaleiro e da gente simples que recebe os estrangeiros com boa fé. A primeira crônica de Cabral, publicada no dia 05 de março de 2015 com o título “*Comunicado a todos os filhos de Serra da Raiz – PB*”¹³ alinha-se as discussões de Jacques Rancière¹⁴ em seu livro *O fio perdido: ensaios sobre a ficção moderna*.

Essa ponte é construída porque o autor, em sua escrita, conjuga realidade e ficção para esboçar o *logos* da sua crítica ao sistema político de Serra da Raiz, sem que a categoria

¹²Muito embora o padre Luís possuísse um currículo admirável, sendo tratado pelos familiares atuais como um dos maiores intelectuais do século XX na Paraíba; a sua tentativa de criar um simulacro de imagens saudosistas sobre o povo, não sobreviveu à força impetuosa da história. A representação social do intelectual na década 1950 já não possuía o mesmo status que no século XIX, pois, “[...] depois de 1848, depois da Comuna de Paris, depois de 1940: o intelectual era rejeitado, perseguido [...]” (FOUCAULT, 2019, p. 131). Além disso, o autor ainda escreve que o que “[...] os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem” (Ibid., 2019, p. 131). Sobre isso, entende-se o porquê de nenhuma editora na época se interessou por publicar as suas obras, ao passo que, por trabalhar no jornal católico *A Imprensa*, que possuía uma gráfica, o padre publicou suas obras de forma independente.

¹³Cf. <https://bityli.com/KIjNq>.

¹⁴No livro citado, o autor mobiliza uma série de ensaios que objetiva discutir como a ficção vem sendo pensada na atualidade, administrando seus pontos de transformação com a pós-modernidade, mormente contrastada com acepções do passado a fim de capturar suas rupturas.

“povo”, reprimida por séculos, não fosse minorada. Observe-se o fragmento da primeira crônica:

Tudo se repete! As pessoas estão cansadas de ouvir falar no mito dos “novos céus e novas terras” que nunca chegam. **Dona Toinha**, grande cantora de nossa terra, grita: “vencestes os Potiguaras”. É que as flechas têm menos força que o dinheiro. Homens “importantes”, peço, com um pouco de atrevimento, em nome de cada seu José e dona Maria que já semeou neste solo sagrado: não poluam o ar de minha cidade com esses discursos hipócritas, mentirosos e profanos. Juntem todas essas palavras e joguem para os porcos de “**seu Luiz**” que ficam atrás de minha rua. Com todo o respeito, as palavras de vocês parecem com velhas catacumbas: bem pintadas por fora, cheias de vermes por dentro (CABRAL, 2015, s.p., grifo nosso).

O escritor concilia aspectos da realidade numa linguagem literária que intensifica e provoca o que os formalistas russos no século XX conceituaram como “estranhamento”¹⁵, assim, imagens como “os porcos de seu Luiz” que de fato é um morador da cidade, como “Dona Toinha”, popularmente conhecida por cantar o hino municipal, são personagens que diminuem o nível de abstração de suas crônicas.

Com efeito, essa intensificação na narrativa é produzida por meio de expressões como “Catacumbas”, “Vermes”, “Mito” e, sobretudo, na metáfora presente na frase: “É que as flechas têm menos força que o dinheiro”, situando a tradição indígena de nossa cidade sob o símbolo da “flecha” e a associação dos oligarcas com a corrupção, uma vez que possuem histórico de ações penais por crimes de responsabilidade desde o ano de 2005, de acordo com fontes¹⁶.

Concernente à visibilidade social que Cabral imputa ao povo, Rancière (2017) escreve que “Certamente, a plebe sempre teve seu lugar na ficção. Mas era, justamente, o lugar subalterno *ou o gênero inferior no qual lhes era permitido divertir a plateia* agindo e gesticulando como convém a esse tipo de pessoa. E é essa distribuição de papéis que a nova ficção destrói” (RANCIÈRE, 2017, p. 24, grifo nosso).

¹⁵Chklovski et al., (1970) escreveu “[...] que para devolver a sensação de vida, para sentir os objetos, para provar que pedra é pedra, existe o que se chama arte. O objetivo da arte é dar a sensação do objeto como visão e não como reconhecimento; o procedimento da arte é o procedimento da singularização dos objetos e o procedimento consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a duração da percepção” (CHKLOVSKI, 1970, p. 45).

¹⁶Cf. Tribunal de Justiça da Paraíba TJ-PB : **0000645-02.2013.8.15.0511** PB. Ação Civil por ato de Improbidade Administrativa e com sentença chancelada pelo TJPB (Tribunal de Justiça da Paraíba) com pena de quatro anos de reclusão, perda do cargo público, inabilitação do cargo por cinco anos e inelegibilidade por oito anos. Disponível em: <https://bitly.com/Ra1oI>. O referido processo é contra a ex-prefeita Adailma Fernandes da Silva Lima. O atual prefeito também foi condenado pelo TJPB nos seguintes processos: nº **0088624-63.2005.3.00.0000** (Cf. <https://bitly.com/9jCjq>). Processo nº: **0189694-79.2012.3.00.0000** (Cf. <https://bitly.com/rzjES>). Processo nº: **0802078-18.2015.8.15.0000** (Cf. <https://bitly.com/nkH5z>). Todos os processos podem ser consultado no JUSBRASIL (Cf. <https://www.jusbrasil.com.br/>).

Esse lugar subalterno, de menor em relação ao outro, a partir do qual se erigiu a categoria “*povo*” como função de divertir a classe aristocrata, pode ser percebida nas obras do padre Luís Gonzaga de Oliveira e na popularização dos ideais de simplicidade concatenadas ao povo que, fundamentalmente, vem sobrevivendo desde a época dos engenhos, e que por meio da produção escrita de Cabral, foi condenado.

Na crônica em análise, esse povo não é narrado como uma categoria de sujeitos que divertem os “poderosos”¹⁷, mas como sujeitos que possuem certo nível de consciência em relação ao contexto em que vivem. O ato de evocar seus conterrâneos se constitui, a partir da relação entre o *real e ficção*, como uma tentativa de denunciar esse silenciamento secular.

Por meio de nossa produção científica, lançamos novas interpretações acerca dos indivíduos que residem em Serra da Raiz, com o objetivo de desalojar uma visão homogênea e saudosista sobre suas faculdades intelectuais no tocante a consciência de “sujeito dominado” por forças políticas relapsas, destituídas de pensamento, mas observado, de acordo com Foucault (2019) como sujeitos que além de exercer o poder em sua esfera social, esses indivíduos, assim propomos, sabem que são artífices, instrumentos indispensáveis à existência do cárcere.

Após décadas de sujeição aos senhores de engenho e vivendo à margem da miséria, esse povo simples “pintado nas memórias do padre”, como realçou Cabral (2018) agora se insurge por meio de uma justiça individual incorporada na negação do “povo sempre passional” e obediente a uma estrutura ordeira na qual eles são sempre alheios as decisões chanceladas por seus líderes.

2.3 A UNIÃO DUVIDOSA: ENTRE “INTRIGAS” E A ASCENSÃO DOS PAIS FUNDADORES

¹⁷Na discussão levantada ao cabo do status da ficção na modernidade e pós-modernidade por Rancière (2017), houve uma ruptura significativa no tocante à sistematização do mundo sensível. Por meio da herança aristotélica de verossimilhança, cujo enfoque se dava apenas em ações superiores, isto é, dos heróis, precisamente dos heróis de categoria social elevada, Rancière (2017) ilustrou em sua crítica, que a ruptura no campo da literatura, nomeadamente em seu aspecto ficcional, sucedeu-se a partir da “*democracia da literatura*” e extensão desses papéis sociais com heróis do cotidiano. Neste sentido, “O suposto ‘efeito de real’ é, sobretudo, um efeito de igualdade. Mas essa igualdade não é a equivalência de todos os indivíduos, objetos e sensações sob a pena do escritor. Não é verdade que todas as sensações sejam equivalentes, mas é verdade que qualquer uma dentre elas pode provocar, para qualquer mulher das classes inferiores, a vertiginosa aceleração que a torna propensa a sentir os abismos da paixão” (RANCIÈRE, 2017, p. 26). O autor discute, de modo geral, que tanto os sentimentos de heróis superiores como o dos personagens historicamente minorizados, podem provocar sentimentos e emoções no leitor; como exemplo, Rancière (2017) situa uma hipotética mulher do cotidiano.

Para refletirmos sobre o dilema do cárcere, é indispensável esconjuntar a sua construção em duas fases, a primeira tem como marco as eleições do ano 2000 para o exercício de 2001-2004 e, o segundo, com as eleições de 2004 para o exercício de 2005-2008. Entre 2000 e 2008 o gládio entre o *Bacurau* e o *Paraguai* se materializava em escândalos políticos e agressões verbais entre os blocos, à custa de uma equivocada “dissidência ideológica” entre eles.

Não se compreende a gestação do cárcere no ventre de Serra da Raiz, sem que se possa refletir sobre o advento de seus fundadores e sobre quais estratégias eles se muniram para perpetuarem-se no poder. A ex-prefeita Adailma Fernandes da Silva Lima, como já foi mencionada, iniciou a sua carreira na política em Serra da Raiz a partir das eleições municipais do ano 2000 contra seu ex-marido e atual prefeito, Luiz Gonzaga Bezerra Duarte.

Durante o contexto das eleições do ano 2000 para o exercício de 2001-2004, a ex-gestora já era divorciada de Luiz Machado, predominantemente conhecido na cidade. As eleições fundamentais de análise sobre as táticas utilizadas pelo casal, e que nos interessam, são as eleições de 2000, 2004 e 2008.

O atual marido da ex-gestora é Valdir José de Lima, que foi candidato a prefeito em Serra da Raiz no ano de 1996 pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), onde obteve uma soma de 1.062 votos¹⁸ contra Luis Cardoso da Silva (majoritariamente conhecido por Lula Pimenta) que ganhou com 1.147 votos pelo Partido do Movimento Democrático do Brasil (PMDB)¹⁹, foi um artífice que serviu de canal para que Adailma Fernandes, durante as eleições de 2004, vencesse a eleição contra o atual prefeito.

Ao examinar aquela conjuntura, objetivando capturar sob o olhar do pesquisador, as condições socioculturais e políticas que permitiram a ascensão de Adailma ao poder, entendemos, primeiramente, que no passado a ex-prefeita não possuía qualquer capital político, diferentemente de seu marido – Luiz Machado – que iniciou a sua carreira na política como vereador durante as eleições municipais de 1988, onde obteve 78 votos pelo PMDB²⁰ e, nas eleições de 1992, elegeu-se como prefeito de Serra da Raiz com 1.133 votos pelo PMDB²¹, ou seja, num período de 4 (quatro) anos, o vereador aumenta significativamente o seu capital político que passou de 78 pessoas para 1.055 pessoas.

¹⁸Em conformidade com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o município de Serra da Raiz/PB possui aproximadamente 3.131 pessoas, de acordo com dados de 2020. Cf. <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/serra-da-raiz.html>.

¹⁹TRE-PB (1996).

²⁰Ibid., (1988).

²¹Ibid., (1992).

Por meio desse fenômeno conjuntural, percebe-se a improbabilidade de sua ex-esposa vencê-lo numa disputa política, sem que se demandasse, por excelência, um capital político significativo com o objetivo de igualar sua influência política a de Machado.

Tanto quanto foi analisado na figura 1, a eleição do ano 2000 foi marcada por discursos depreciativos que envolvia temas de traição e palavras de baixo escalão, onde os divorciados matrimonialmente externaram, no interstício daquele período, polêmicas que envolvia agressão física (por parte de Machado) e uma suposta traição pela ex-gestora. Na figura 1, publicada pelo Jornal Tribuna (2001), escreve que ambos alugaram carros de sons com músicas que abordavam a traição caracterizada pelas expressões como “corno” ou “chifrudo”²², aquele (a) que foi objeto de traição amorosa.

Transversalmente, foi com a aproximação de Valdir José de Lima já no embrião do advento de Adailma Fernandes nas eleições do ano 2000, e a mobilização de discursos difundidos pela cidade onde a ex-gestora dizia que sofria agressões físicas durante o seu casamento com Luiz Machado, que podemos compreender as duas vitórias consecutivas dela nas eleições de 2000 e 2004 e o descrédito do atual prefeito que, atravessado pela desfiguração política empreendida por sua ex-mulher, não conseguiu vencer uma eleição para prefeito desde o ano de 1992, período áureo de seu capital político.

Mas foi na eleição de 2008 para o exercício de 2009-2012 onde a dissidência que se pensou existir entre eles veio à tona. De acordo com o **Art. 14**, § 5º da Constituição Federal da República de 1988, “O Presidente da República, os Governadores de Estado e do Distrito Federal, os **Prefeitos** e quem os houver sucedido, ou substituído no curso dos mandatos, poderão ser reeleitos para um único período subsequente”²³ (CONSTITUIÇÃO FEDERAL DA REPÚBLICA, 1988, s.p., grifo nosso).

O referido artigo 14 da CFR outorga o direito a uma única reeleição por candidato (a), neste sentido, Adailma Fernandes estava em seu segundo mandato durante o exercício de 2005-2008 e necessitava dar continuidade ao seu projeto político, o qual recrutou, para os fins de estratégia, o munícipe serra-raizense popularmente conhecido por Cícero Vaqueiro.

²²A expressão “corno”, no DICIO (Dicionário online de português), possui o seguinte significado, no sentido de adjetivo: “Que é traído pela pessoa com quem tem um relacionamento amoroso; chifrudo, cornudo, galhudo” Cf. <https://www.dicio.com.br/corno/>, enquanto que “chifrudo” refere-se a “Corno, marido de adúltera”. Cf. <https://www.dicio.com.br/chifrudo/>.

²³Cf. [\(Redação dada pela Emenda Constitucional nº 16, de 1997\)](#).

A partir de uma entrevista realizada com Jardel Gomes Ferreira no dia 13 de março de 2021²⁴, munícipe de Serra da Raiz/PB e antigo segurança particular de Cícero contratado por Valdir José de Lima nas eleições de 2008, o entrevistado apresentou uma hipótese no tocante a uma suposta traição organizada por Adailma relativo a Cícero. A hipótese é de que Machado, nos bastidores, estaria em conluio com a ex-gestora a fim de transferir o comando para um familiar e não para um indivíduo sem laços consanguíneos. Na entrevista, Ferreira relata o seguinte:

Primeiro que tudo, bom dia! Enfim, eu tinha chegado há pouco tempo do sudeste, e fui incumbido de acompanhá-los, fazendo o papel de segurança. E eu, muito inocente na questão “campanha de Serra da Raiz”; todos nós acreditávamos, ainda que não fizéssemos parte da cúpula, da grande cúpula, acreditávamos que realmente Cícero Vaqueiro estava sendo acompanhado naquela ocasião por Adailma e apoiado. Só que com o desenrolar, comecei a ganhar mais notoriedade, mais confiança, e eu vi que realmente tinha uma grande estrutura se formando nos bastidores para que Cícero não chegasse lá. Isso, né, eu fui testemunha ocular, enfim. E eu vi todo o jogo político apoiado pelo jogo financeiro, a fim de que Luiz realmente chegasse lá (FERREIRA, 2021, s.p.).

A reincidência meteórica de duas vitórias por Adailma em 2000 e 2004, consoante o qual se especulava na época, levaria, de forma incontestada, a uma terceira vitória na eleição de 2008, por efeito de seu capital político que tinha crescido vertiginosamente nos últimos 8 (oito) anos, e que, por essa razão, ela conseguiria transferir seus votos para Cícero. No entanto, de forma “enigmática”, Machado se elege com 1.064 votos e Cícero, com efeito, perde com 989 votos²⁵.

No escopo historiográfico conseguimos provar a inconsistência de uma vitória de Luiz Machado que não se elegia desde 1992 para nenhum cargo, seja de vereador, seja para prefeito; o que reforça a hipótese de uma aliança política entre o “casal” que também é ratificada pelo nosso entrevistado que, na posição de segurança particular, obteve uma leitura “cirúrgica” sobre o *modus operandi* da ex-gestora e, além do que, conseguimos compreender o comportamento da população com a inesperada vitória de Machado, tal qual o aspecto comportamental da ex-gestora ao presenciar a derrota de seu candidato por seu ex-marido.

²⁴A entrevista foi sistematizada do seguinte modo: **a)** assinatura do **Termo de Consentimento**; **b)** gravação da entrevista por meio de aplicativo de captura de áudio (sem imagens) em um Smartphone; **c)** transcrição, no estilo pesquisa etnográfica dos enunciados tal como proferidos pelo entrevistado organizado em diálogos a partir do Microsoft Word.

²⁵TRE-PB (2008).

Nesse arco de investigação, direcionamos um questionamento ao entrevistado, onde objetivamos compreender qual foi à reação de Adailma no tocante a derrota de Cícero e como poderia ter ocorrido a união política entre o casal divorciado. Com tal característica, o entrevistado argumenta que:

As questões eram muito bem elaboradas. Por mais que você tivesse um acesso quando essas conversas aconteciam, a presença de Anderson era muito vaga nesse momento. Porque Luiz, como toda campanha de Luiz, foi feito na casa da falecida mãe dele. Conversas que não poderiam ser lá. Eram conversas que se ele conversasse na frente da gente, eu pelo menos, como eu não sabia como é que era uma campanha aqui e tal, eu cheguei aqui já fazia quatro meses quando aconteceu isso. **Eu ia passar despercebido porque eu não sabia quem era quem, não sabia quem era Anderson, o que eu sabia é que ele era filho de Adailma, mas eu sabia que ele era o arquiteto, o grande arquiteto.** É admirável essa habilidade que ele tem. Enfim, eu ia passar despercebido. A gente veio saber que estava tudo prontificado para a vitória de Luiz, por quê? Porque na casa de Adailma já estava tudo pronto para a festa. Tudo pronto para a festa! Bebidas e mais bebidas... É tanto que quando a gente saiu de lá no dia da vitória de Luiz, consequentemente com a derrota de Cícero Vaqueiro, eles ficaram em festa. **E houve festa por dois dias** (FERREIRA, 2021, s.p., grifo nosso).

Um personagem que contribuiu para o restabelecimento da aliança entre Luiz e Adailma foi o filho do casal: Anderson Fernandes Bezerra Duarte que manteve sua presença oculta durante aquele contexto. Naquela circunstância, o entrevistado já intuía que Anderson era, na verdade, o agente pacificador responsável por, nas entrelinhas, reconstruir e ressuscitar o vínculo, dessa vez político e com raízes em laços sanguíneos, com o objetivo de conservar o poder no interior de sua própria família. Em suma, transmitir o capital político para Cícero, um sujeito não familiar e que poderia, posteriormente, voltar-se contra eles, era um risco que deveria ser evitado a todo custo.

A eleição de 2008, arco de análise deste capítulo, foi à segunda fase de ruptura sociocultural e política entre os pais fundadores, à medida que o atual prefeito Luiz G. Bezerra Duarte anunciava, durante o seu discurso num palanque na popularmente rua conhecida como “Antiga rua da delegacia” que iria extinguir a querela entre o *Bacurau* e o *Paraguai*, em virtude de que não havia sentido a predominância dessa rivalidade.

Isso foi notado, na época, por meio de **uma fala de Luiz Machado num palanque que ele disse que ia acabar com os Paraguai e os Bacurau porque isso tinha acabar em Serra da Raiz, que essa rincha de Paraguai e Bacurau, por quê? Porque eles sabia que nem Adailma tinha raiva dele, e nem tinha raiva de Adailma.** Era uma farsa tremenda por quê? Porque isso era muito bom para eles. Porque isso poderia se perpetuar, como tem se perpetuado até hoje. E contra fato não há argumento. Então isso foi

uma coisa que realmente acabou, ninguém fala mais em Paraguai e Bacurau, antigamente isso era uma rinha tremenda (FERREIRA, 2021, s.p., grifo nosso).

Interpretado por esta pesquisa como um subterfúgio para solidificar a aliança com os munícipes serra-raizenses, as considerações de Jardel sobre o que professou o gestor durante a sua vitória em 2008, coincide com o silenciamento generalizado da população em torno dos pejorativos “*Bacurau*” e “*Paraguai*” na contemporaneidade, modo pelo qual os cidadãos divisados pelos oligarcas tratavam-se cotidianamente entre os anos de 2000 a 2008.

Assim como Cloto, Láquesis e Átropos, as tecelãs do destino na mitologia grega teciam o destino dos homens e dos deuses através da *Roda da Fortuna*, seu tear especial, Luiz, Adailma e seu filho Anderson, em segredo, teciam não apenas seus destinos, mas também o destino do cárcere e como o povo, na posteridade, haveriam de enxergar aquele acontecimento impossível no início do novo milênio.

3 O LUGAR DE NOSSAS GUERRAS E O PROGRESSO DE UMA “COLONIZAÇÃO SILENCIOSA”

Figura 02: Município de Serra da Raiz/PB, Rua Major Costa (1966).



Fonte: Arquivo documental da ONG SACI.

Um fenômeno presente na história cultural de Serra da Raiz, mas que não foi objeto de estudo por historiadores contemporâneos, foi talhado no uso cultural de roupas claras. De acordo com Kossoy (2002) o fotógrafo, munido de suas técnicas e motivações pessoais, produz a sua imagem por meio de uma temática, isto é, de um determinado assunto. Assim,

Seja em função de um desejo individual de expressão de seu autor, seja de comissionamentos específicos que visam uma determinada *aplicação* (científica, comercial, educacional, policial, jornalística etc.) existe sempre uma *motivação* interior ou exterior, pessoal ou profissional, para a *criação* - de uma fotografia [...] (KOSSOY, 2002, p. 27, grifos do autor).

Na perspectiva pela qual a imagem foi capturada, percebe-se que um dos objetivos do fotógrafo era o de enquadrar o maior número de pessoas possível e, além do que, realçar a presença dos postes de energia que culmina com o advento da energia elétrica durante a década de 1963.

À custa disso, a escolha pela localidade, centro da cidade, não foi uma escolha despreziosa. Até os dias atuais, há regiões da zona rural de Serra da Raiz que não há eletricidade e que, sobretudo, evidencia o espectro da pobreza. Neste sentido, a possível temática que se inscreve subjacente ao enquadramento da figura 2, relaciona-se com propósitos políticos, não apenas limitada a ideia memorialística, mas a de recortar (do real) um modo de representação, uma forma estética de ilustrar o “desenvolvimento do espaço/lugar” onde os habitantes residem.

Na encosta das habitações, percebem-se, em sua maioria, crianças e poucos adolescentes agindo espontaneamente ao olhar do fotógrafo. Não é coincidência sugerirmos que naquele justo momento em que ocorreu a captura, apenas crianças e adolescentes transitavam; e que a escolha da criança e de pessoas mais jovens pelo fotógrafo, como símbolo de nascimento e renovação, perpetuação da vida, pode se confrontar com a mensagem positiva de transformismo, à medida que obscurece o clareamento das vestimentas, como se não houvesse diferença entre as pessoas, como se todos fossem iguais.

E esse “igual”, nessa imagem, não é uma igualdade baseada na positividade dos Direitos Humanos (DH), mas num fenômeno de se diferenciar social e economicamente de latifundiários, sacerdotes e representantes políticos que se vestiam a caráter, cuja “representação está envolvida por uma verdadeira trama” (KOSSOY, 2002, p. 27).

Essa fotografia tirada na Rua Major Costa do município, cruza-se com outras imagens do acervo fotográfico fornecido pela ONG SACI sobre o qual podemos perceber o uso desses tons mais claros tanto em datas festivas, quanto no cotidiano, além de indicar o estado de vulnerabilidade social que a cidade enfrentava na época. Kossoy (2001) escreve que:

O ato do registro, ou o processo que deu origem a uma representação fotográfica, tem seu desenrolar em um momento histórico específico (caracterizado por um determinado contexto econômico, social, político, religioso, estético etc); essa fotografia traz em si indicações acerca de sua elaboração material (tecnologia empregada) e nos mostra um fragmento selecionado do real (o assunto registrado) (KOSSOY, 2001, pp. 39-40).

Na imagem, pode-se deduzir que foi tirada a partir da década de 1960, uma vez que foi em 14 de novembro de 1966 que aconteceu a inauguração da eletricidade durante o mandato do prefeito João Nepomuceno de Oliveira (1905-1969) e na gestão do governador João Agripino Filho (1914-1988). O uso cultural de roupas claras se cruza com o passado industrial da produção algodoeira em Serra da Raiz, onde as oligarquias locais²⁶ “[...] conseguiram expandir o seu poder durante o século XIX por meio de pequenas indústrias de algodão e também dos engenhos de açúcar” (CABRAL, 2018, p. 22).

À vista disso, entende-se que o saber adquirido pelos munícipes no manuseio do algodão nessa época, teria sobrevivido durante o século XX, proporcionando as pessoas o

²⁶“Estas disputas, quase sempre, têm sido nota típica no relacionamento entre localidades que lutam pela hegemonia político-administrativa e interesses econômicos” (COSTA, 1990 *apud* CABRAL, 2018, p. 22). A citação faz referência às disputas políticas entre as oligarquias de Caiçara/PB e Serra da Raiz/PB pelo monopólio territorial e econômico de Serra da Raiz durante o século XIX e XX, já que Serra da Raiz, até a emancipação política em 1959, era distrito de Caiçara.

conhecimento necessário à produção de suas próprias roupas, haja vista que não possuíam condições financeiras²⁷.

Na historiografia de Serra da Raiz, a colonização dos corpos, em *sui generis*, foi percebida pelos dois blocos²⁸, ainda em contexto dissidente na primeira fase, como indispensável para consolidar uma ideologia institucionalizada de perpetuação do poder. Aquele “povo simples” como descreveu Cabral (2018) em sua crítica historiográfica à obra de Luís G. de Oliveira, moldado no estigma do trabalho braçal e que sentia, por herança natural, a necessidade de ser guiado por alguém cuja eloquência e sabedoria fossem suas características, insurge-se no final do século XX como um público mais consciente em relação à trama política local, ainda que “simples” e a margem da pobreza.

Percebidos como pessoas dotadas de inteligência a fim de dominá-los, os “colonos modernos” deveriam lhes oferecer uma “moeda de troca”, pois a voz do patrão como nos engenhos não tinha mais força; novas relações de poder estavam presentes no cotidiano, os trabalhadores do eito haviam se libertado junto à emancipação política em 21 de janeiro de 1959. O discurso do “povo simples”, corajoso, bondoso e hospitaleiro, no final do século XX e início do XXI foram ganhando força com os dois blocos no enredo das duas fases.

Através desse discurso, os dois blocos “corrigiram ideologicamente” o modo como esse povo “sabido” vinha se insurgindo, constituindo-se como um perigo a monopolização cultural e política de Serra da Raiz. Nas discussões de Foucault, o pensador descreve que na “[...] metade do século XVIII o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo [...]” (FOUCAULT, 1987, p. 117).

Portanto, por meio dessa citação aplicada ao entendimento da função prática do “povo simples” do contexto de nossa pesquisa, podemos aferir que seria improvável a dependência do voto popular alimentando a ideia “ancestral” do povo hereditariamente gerado para o trabalho.

Através da crônica “*Metáforas*” publicada no dia 12 de outubro de 2019, texto de despedida de Cabral quando teve que se mudar de sua cidade por conta de uma tentativa de

²⁷Segundo Cabral (2018, p. 22) “No início do século XX ainda existia, em Serra da Raiz, um número significativo de engenhos 22, número que foi gradativamente diminuindo devido à conjuntura econômica nacional”. Conforme Manoel Madruga em 1955 ainda havia 15 engenhos funcionados no território de Serra da Raiz (MADRUGA, 1955 *apud* CABRAL, 2018, p. 22).

²⁸**Bloco de oposição** representado por Luiz Machado, depreciado como *Bacurau*, contra o **Bloco de Situação** representado por Adailma Fernandes, depreciado como *Paraguais*.

arrombamento de sua propriedade e por intimidação por ligação restrita, podemos examinar os resíduos, isto é, os efeitos causados, em particular, por esse silenciamento gestado nas bases do governo atual de Serra da Raiz e que, por meio da análise iconográfica, demonstramos o passado colonial do município, e as margens da pobreza que marcaram a escrita da história local.

Enquanto o silêncio me estuprava, notei que havia uma serpente engolindo a cidade. As pessoas estavam ajoelhadas diante da cobra. Rezavam coisas incompreensíveis. Essa serpente e seus adoradores roubam toda a vida que existe no lugar. **Essa serpente, com o seu eterno cio, devora o futuro de todas as crianças e adolescentes: marginaliza, humilha, cospe, rouba e mata.** Depois de matar, essa serpente sempre solta uma gargalhada. Conheço a toca da serpente e sei as estações em que ela sente fome. Ela sabe de minha fome, mas não sabe onde moro. O lugar em que resido é protegido por folhas de todos os tamanhos. Foi bom plantar palavras ao longo dos anos. Meus antepassados cultivaram a terra, eu cultivo as palavras. Minha alma conhece todas as estações. No próximo outono, pretendo embarcar no primeiro vento forte que soprar em direção ao planalto da Borborema (CABRAL, 2019, s.p., grifo nosso).

O escritor, nesta crônica, representa o governo oligárquico holisticamente a partir da figura da serpente. De acordo com Ribeiro (2017) as serpentes fazem parte de um extenso acervo simbólico em lendas e mitos na história da humanidade. O título deste capítulo remete a uma noção, conceito historiográfico acerca do substantivo colonização. No sentido em que a empregamos, tratamos de outras formas de colonizar, de dominar, de exercer controle e influência sobre alguém ou sobre um lugar.

De modo penetrante, o escritor caracteriza a personalidade dessa serpente metafórica a qual se personifica – noutra figura de linguagem – aos agentes responsáveis pelas ações danosas contra os munícipes serra-raizenses. Em nossa pesquisa, sobretudo embasado na crônica, o governo do cárcere não controla apenas a fome física do estômago à custa de uma política assistencialista, mas exerce controle sobre outras “fomes”, a saber, desejo afetivo de sentir-se importante para a sociedade, sonhos de se estruturar economicamente, qualidade de vida, entre outros.

A finalidade da serpente narrada por Cabral, assim como seus feitos, suas aparições, sua personalidade pode ser categorizada, na mitologia, do seguinte modo:

Deuses criadores do universo em suas primeiras manifestações, sempre aparecem como serpentes cósmicas, substância primordial dos oceanos, da terra, dos infernos, cujo arquétipo se manifesta através de um complexo de imagens ligadas à matéria prima subterrânea, escura, úmida e viscosa das origens (RIBEIRO, 2017, p. 13-14).

A autora disserta, de forma geral, acerca da hierofania dos deuses ao visitar os homens em forma de serpente. A depender do contexto, da cultura, dos diversos desdobramentos em que se contextualiza o significado da serpente, ela sempre está vinculada a uma dupla visão: de bem e do mal, do céu e do inferno. No sentido associado por Ribeiro (2017) a serpente, com sua pele fria habita sempre em lugares escuros, úmidos e viscosos, conferindo-lhe o estigma do enigmático. Na crônica analisada, a serpente descrita por Cabral é aquela que assume as feições malignas, que mata, que assusta, que controla pelo medo.

3.1 “NOVOS CAMINHOS” PARA SE NARRAR SERRA DA RAIZ

Para a manutenção periódica do cárcere, é indispensável alinhá-lo ao ritmo das transformações socioculturais, neste sentido, após a uniformização do “bloco desordeiro” em 2008, o grupo político convocou, no dia 28 de maio de 2018, o ex-presidente da ONG SACI, Eric Ben-Hur de Oliveira para Secretário Municipal de Cultura.

O atual secretário, filho de Ozana Gonçalves de Oliveira e José Augusto de Oliveira disputou as eleições municipais do ano de 2016, obtendo 70 votos pelo PSB (Partido Socialista Brasileiro)²⁹, não se elegendo. Na época Ben-Hur era opositor político e ideologicamente da atual administração, haja vista que quatro anos depois o “filantropo” é recrutado pela oligarquia.

Noutro ponto, os idealizadores do cárcere (Luiz Machado e Adailma Fernandes), ao que nos intriga, estabeleceram alguns pré-requisitos fundamentais para o recrutamento; o que nos é precisamente semelhante às descrições modelares do soldado no século XVIII nas asserções de Foucault em seu livro *Vigiar e Punir* (1987).

Antes de 2016, quando o atual Secretário Municipal de Cultura (SMC) foi recrutado, politicamente e socialmente Ben-Hur não era utilitário para participar da organização administrativa do cárcere. Fundando a ONG SACI (Sociedade Amigos da Cultura Iniguaçu) no ano de 2008, na época seu pai José Augusto de Oliveira era o presidente, transferindo o cargo para seu filho.

No ano de 2015, Ben-Hur de Oliveira cria uma parceria com a BR27 Tecnologia, uma empresa de internet localizada na cidade de João Pessoa/PB. Uma das características que elevou o presidente da ONG a uma posição de destaque na cidade verifica-se por meio da

²⁹Tribuna Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB).

chegada da internet ao município, o que pode ser considerado o marco fundamental para a integração da tecnologia nos lugares mais insólitos de Serra da Raiz. Até então, as cidades circunvizinhas a Serra da Raiz não possuíam internet via *Fibra Óptica*³⁰. Porém, esse marco importante no processo de modernização do município não serviu, naquele contexto, para que Ben-Hur fosse integrado à equipe do cárcere.

Até aquela época, Ben-Hur não era mais visto como jovem comum, mas como alguém com conhecimento técnico sobre atividades culturais, parcerias com órgãos e empresas privadas, alguém com um “potencial” a ser explorado. De tal modo, foi na eleição de 2016, quando se lançou na política como candidato a vereador pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), obtendo 70 votos, demonstrando que “tinha valor” do ponto de vista quantitativo, que o ex-presidente foi recrutado no ano de 2018 para Secretário de Cultura, abandonando a ideologia contrária que tanto militou por mais de uma década contra a atual administração.

O que é fundamental nessa contextualização é notarmos os indicadores sociais que possivelmente foram os responsáveis por tornar Ben-Hur o modelo ideal para o trabalho designado dentro do cárcere. Além disso, é imperativo destacar que a função prática do secretário não se encerra em suas conquistas econômicas para a cidade, mas pelo seu lugar de pertencimento.

Naquela época Ben-Hur socialmente se encontrava num *status quo* de invisibilidade, no entanto, o seu lugar de pertencimento se inscrevia numa tradição intelectual, onde o Pe. Luís G. de Oliveira era um familiar. Inclusive, o padre é o patrono da ONG e, durante o ano de 2015 e 2017, a família se lançou numa luta exaustiva para valorizar o legado literário do intelectual do século XX com a publicação da 2ª edição dos livros do padre.

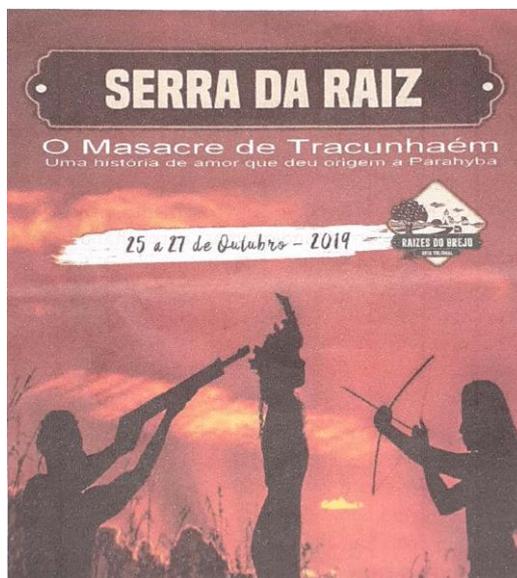
Os criadores do cárcere possuíam conhecimento técnico, retórico e até histórico do município de Serra da Raiz, mas não tinham conhecimento adequado para transformar todo esse conhecimento técnico em cultura. Para isso Ben-Hur foi recrutado, à medida que para o cárcere sobreviver aos novos tempos, às novas gerações haveriam de ser incluídas, haja vista que um novo rol de eleitores estaria para surgir; concentrando esses novos eleitores nos domínios da “santa” oligarquia.

O discurso do “povo simples”, iniciado de forma embrionária por Luís G. de Oliveira no século XX e modificado por Luiz e Adailma na primeira década do século XXI, agora se materializa na espetacularização de eventos do passado. Na imagem a seguir, a narrativa amistosa escolhida para descrever o genocídio histórico entre os índios potiguaras que

³⁰Na época, o sinal nas antigas redes de internet em 2015 eram transmitidas via sinal de rádio.

habitavam a Serra da Copaoba (hoje Serra da Raiz) contra um antigo senhor de engenho de origem portuguesa, Diogo Dias:

Figura 03: Folder de um evento intercidades intitulado *Raízes do Brejo* sediado em diversas cidades do brejo paraibano durante o ano de 2019.



Fonte: Arquivo pessoal.

O evento em questão se propunha a valorizar a tradição histórica do município que foi habitada pelos índios potiguaras e que foi palco, a posteriori, da colonização dos portugueses. A narrativa escolhida pela administração de Serra da Raiz, à luz da pós-modernidade para interpretar o *Massacre de Tracunhaém* ficou estampada num processo paradoxal onde se confunde o genocídio indígena com os portugueses, e o suposto heroísmo dos autores do massacre ao defender a honra da índia Iratambé, filha do cacique que habitava em Serra da Copaoba (topônimo antigo), que hoje é Serra da Raiz.

No período em que o atual secretário de cultura, Eric Ben-Hur de Oliveira organizou uma peça teatral recontando a “*História de amor que deu origem a Parahyba*” como puseram no *folder*, dias depois o secretário foi submetido ao crivo da opinião popular que reprovou, em grande parte, a docilização do massacre.

Além do que, a escolha da narrativa, do espetáculo, do roteiro respeitou a ideologia do povo hospitaleiro que havia se iniciado no final do século XX e se materializou em práticas culturais e sociais no século XXI. A mensagem, talvez subjacente naquele evento, pode ser compreendida por meio da seguinte interpretação: os seus ancestrais foram pessoas guiadas pela coragem, pela força e que estavam dispostos a morrerem para defender o seu lugar e o seu povo, morreram com bravura; eram pessoas indiscriminadamente boas.

Portanto, os munícipes serra-raizenses, assim como foram seus ancestrais, também deveriam seguir o mesmo “espírito aventureiro”, mas dessa vez eles não iriam morrer pela cidade, mas pelos seus chefes, ou seja, os dois blocos políticos que, a partir do ano de 2008, na segunda fase, iriam extinguir a dissidência bipolar e uniformizar o poder em único centro familiar.

O discurso escolhido pela administração municipal sobre a perícia do passado histórico, encontra-se no crivo de uma intersecção entre o discurso literário e o discurso historiográfico no ponto em que a retórica da escrita da história se apropria de narrativas sobre o passado com o objetivo de solidificar os efeitos de verdade sobre dado acontecimento.

Uma das diferenças entre a história e a literatura estaria na referencialidade. Mesmo que a história não possa resgatar o passado em sua integralidade, ela se utiliza da narrativa como um meio de negociação em seu compromisso ativo com a verdade desse passado. Então, epistemologicamente a história pode ser definida como um processo de produção de base linguística (*sic*) no qual a interpretação histórica narrativa é organizada e criada pelos historiadores (ASSIS, 2012, p. 132).

Por meio da análise discursiva das fontes, lançamos uma interpretação sobre a escolha de uma narrativa que se move nas veias da administração atual. Do mesmo modo que a “santa” oligarquia se mune da ideia do povo simples e hospitaleiro para corrigir as avarias no cárcere, mitificando discursos que sejam mais absorvíveis pelo público, Cabral, talvez percebendo essa articulação discursiva secular, passou a construir suas narrativas dialogando com o real e o ficcional. No ano de 2020, o escritor publicou em sua rede social Facebook o texto intitulado *Lúcifer*:

Este pequeno texto tem como temática geral a fauna de uma pequena cidade do interior. Na verdade, trato especificamente da Fauna de Serra da Raiz-PB. Morei nas terras altas por um longo período da minha vida e sempre gostava de conversar com Lúcifer, sobretudo nas noites em que a Lua estava mais baixa do que as nuvens. Naquelas noites amareladas, eu sentava próximo a uma pequena lagoa e esperava a companhia do bom amigo. Vez ou outra, ele chegava sussurrando palavras incompreensíveis. Eu ficava ouvindo, mesmo sem entender. ***Meu coração dizia: tem algo de profano nas ruas de Serra da Raiz, pois lá uma serpente é idolatrada como deusa.*** Para ela, toda estação é tempo fértil. Em cada noite, no final de cada ano, o ritual de amamentação acontece. É milagroso, visto que o leite é feito da mesma substância do sangue daqueles que morrem diariamente em decorrência de uma doença desconhecida. Tive medo. Por isso, nas noites de lua baixa, procuro as sombras dos amigos de luz. “A fauna daquela pequena cidade é incrível” – escutei alguém comentar. Fiquei triste, mas isso pouco importa. Pouco importa (CABRAL, 2020, s.p., grifo nosso).

Nesta crônica, o autor evoca o símbolo mítico da serpente, não apenas como artefato do imaginário coletivo que reside em tempos imemoriais de culturas ocidentais ou orientais, mas desenvolve seu pensamento conceituando o espaço físico em sua transfiguração mítica, ilustrando que “[...] a cobra figura no imaginário coletivo como um ser nefasto, afrodisíaco, letal, mágico e demoníaco que cospe fogo, atrai pelo olhar e se imortaliza com a troca da pele” (RIBEIRO, 2017, p. 9).

A representação arquetípica da serpente é controversa, podendo ser associada tanto aos aspectos negativos que a relaciona com o ser humano, como a toda má sorte e holocausto que impele ao homem a perenidade pacificadora de espírito (RIBEIRO, 2017).

A representação do cárcere não se dá por meio de uma arquitetura física no sentido de que em torno de Serra da Raiz há, verdadeiramente, uma redoma de metal onde um grupo familiar estaria sob o controle absoluto, trata-se, necessariamente, de uma prisão cultural, mas também mitificada, forjada por valores e saberes que agem reciprocamente entre os carcerários (os habitantes) e os chefes, aqueles que são responsáveis pela manutenção e seu funcionamento.

A figura da serpente, paradoxal em suas representações, manifesta-se – na imagem de Adailma –, sobretudo através da acepção imputada por Cabral, sob um único brasão: o da regeneração e a sabedoria. Não uma sabedoria no sentido de uma pessoa portadora de virtudes cristãs dos quais os males e corrupções estariam desvencilhados, mas como uma pessoa que, costurada no tecido da realidade, apresenta-se através de uma hierofania, o que é suscitado pelo autor no seguinte fragmento: “Para ela, toda estação é tempo fértil. Em cada noite, no final de cada ano, *o ritual de amamentação acontece*” (CABRAL, 2020a, grifo nosso).

No grifo destacado, o autor se dirige a atuação política da ex-gestora como um ritual perene, regenerativo que acontece periodicamente. Inscrita na mitologia, o lugar mítico determinado pelas ações dos imperialistas de acordo com Cabral, pode ser mais bem organizado a partir do que conceitua o geógrafo chinês, Tuan (1983, p. 97):

Podem-se distinguir dois tipos principais de espaço mítico. Em um deles, o espaço mítico é uma área imprecisa de conhecimento deficiente envolvendo o empiricamente conhecido; emoldura o espaço pragmático. No outro, é o componente espacial de uma visão de mundo, a conceituação de valores locais por meio da qual as pessoas realizam suas atividades práticas.

Numa entrevista realizada no dia 30 de outubro de 2020, o autor, questionado por nós sobre a natureza de seus textos, mais especificamente sobre a introdução de aspectos mitológicos, professou que “A fronteira entre a fantasia e a realidade é, em minha opinião,

tênue. A realidade social é, de certo modo, fabricada por meio de mitos, sonhos, fantasias e ficções” (CABRAL, 2020b).

Esta declaração subsidia a premissa da forja do cárcere e como essa prisão, que não é conotada pelos carcerários no sentido de uma prática danosa à sua existência, tornou-se, culturalmente, uma realidade cuja fusão e origem residem num “plano mítico” e consensualmente aceito. Nessa dimensão, “O trabalho nos estudos culturais se harmoniza particularmente com o caráter problemático da identidade e com as múltiplas maneiras pelas quais as identidades se formam, são vividas e transmitidas” (CULLER, 1999, p. 51-52).

Uma vez que Cabral deu origem ao ativismo contra os “imperadores” a partir de textos cunhados numa linguagem literária, sobretudo situando-a no meio de escândalos envolvendo ações penais contra os pais fundadores que vem se operando em Serra da Raiz desde o ano de 2005³¹, o tecido enodado pelo qual se legitimava o exercício do poder dos imperialistas começou a se dissolver; o Jarro de Pandora havia sido aberto.

Com o advento do atual prefeito, precisamente, e com a ex-gestora Adailma Fernandes no limiar do ano 2000, identificamos a trama histórica segundo a qual a relação entre a representação e relação do povo com o lugar e seus chefes, não se dá por meio de oposição, mas por simbiose, isto é, troca simultânea de interesses, em suma, é querer estar preso pela própria vontade.

O espaço físico – Serra da Raiz – não possui função e nem representação como critério de formação de identidade cultural para o povo. A relação do povo com a terra, em *sui generis*, é formada por contradições, primeiramente porque a sequência lógica de que a conscientização de sujeito explorado levaria a um confronto com os exploradores, não funciona, ou seja, alguns indivíduos – servos por vontade – não demonstram sensibilidade quanto a outros conterrâneos que sofrem os efeitos nocivos de uma política unilateral.

Neste raciocínio, essa contradição não foi gestada pelo povo em si, mas apresentada a eles como uma possível alternativa de se criar soldados fiéis para minar locais insólitos na ausência dos chefes.

No entanto, para os idealizadores do cárcere verificou-se a necessidade de fabricar uma identidade para a cidade. Metaforicamente, Serra da Raiz seria uma pessoa que possui consciência, espírito, data de nascimento e entes familiares, haja vista que esse lugar importa muito mais que os indivíduos que nela residem. “Um fenômeno menos conhecido é o espaço

³¹Primeiro processo judicial de Luiz Gonzaga Bezerra Duarte contra “Crimes Previstos na Legislação Extravagante / Crimes de Responsabilidade”. Processo requerido pelo STJ (Superior Tribunal de Justiça). Cf. <https://www.jusbrasil.com.br/processos/301107588/processo-n-0088624-632005300000-do-stj>.

mítico ‘impreciso’ que envolve o campo da atividade pragmática, com o qual não nos preocupamos conscientemente e que é, no entanto, necessário ao nosso sentido de orientação – de sentirmo-nos seguros no mundo” (TUAN, 1999, p. 97).

Lembramo-nos de que um dos objetivos ao iniciar o ativismo cultural no ano de 2015 por meio do *Facebook* foi de desconstruir o espaço amistoso, de seguridade e proteção forjadas pela oligarquia que, na época, indicava que o modo como o poder era exercido pelos imperadores, estava inscrita tanto na realidade, quanto no plano imaginário.

No que tange à esta questão, Tuan (1999) estruturou a sua obra analisando os fenômenos da realidade através da experiência que os homens desenvolvem por meio dela. Nessa citação, o autor escreve sobre uma de suas categorias que constitui o que ele denomina de “espaço mítico”, experiências particulares de um dado sujeito ou comunidade com o real e/ou lugar.

Esse conceito cunhado por Tuan (1999) se aplica ao entendimento da forja de subjetividades alimentadas pela oligarquia em Serra da Raiz, a partir do que compreendemos que os reclusos possuem, conscientemente, lucidez de sua sujeição e, além do que, interpreta essa forma de subjetividade, de pertencimento, como um indicador de segurança de si tal como ilustrado pela referida citação de Tuan ao escrever que, para participar de um espaço mítico, é indispensável que não o façamos de modo consciente na premissa “[...] de sentirmo-nos seguros no mundo”³².

Ao calcarmos em solo de subjetividades, desvelamos a presença ofuscada de dois tipos de representações cravadas pelo cárcere: a primeira seria – como já a iniciamos –, sobre Serra da Raiz. Em nome da cidade se fazem festas, datas comemorativas, cordéis, palestras, museus e representações teatrais, revelando o grau de relevância com relação ao povo.

Os chefes do cárcere precisaram silenciar, e diminuir, e apagar, e destituir uma identidade perpassada por tradição indígena, pobreza, humilhação de modo que tais aspectos não congregassem numa consciência refinada sobre o passado, evitando grupos ativistas, contestações acerca do caráter da atuação dos gestores sobre a cidade.

Assim sendo, aquele (a) que participar como “membro” do cárcere, deve abandonar suas experiências, sua consciência aversiva ao regimento do grande grupo, devem, pois, serem dogmatizados no primado de uma nova ideia: silenciar-se, sujeitar-se à custa de obtenção de recompensas de acordo com o grau de envolvimento com os ordenamentos dos pais fundadores.

³²Ibid., 1999.

Durante e depois dos períodos eleitorais, a relação do povo com a cidade é de subsistência, de sobrevivência. Permitir que o povo possuísse uma identidade cultural, seria permitir que esse povo se opusesse a lógica do cárcere que, do ponto de vista econômico, esse povo tivesse o direito de fazer usufruto da riqueza e possibilidade de utilização dessa riqueza por meio da máquina pública.

No tocante a isso, há duas identidades que coexistem simultaneamente sem que se misturem: “o povo não está ligado diretamente com a história cultural de sua própria cidade”³³, sendo a sua participação assessoria e periódica para os fins do cárcere e, num segundo plano, a cidade (no sentido cultural) é culturalmente fabricada para camuflar a própria concepção de prisioneiro e para controlar as atividades dos reclusos.

À luz da crítica literária, poderíamos, e com precisão, a partir do que defende Kristeva (2005), determinar que “[...] a **literatura** nos parece hoje ser o ato mesmo que apreende como a língua funciona e indica o que ela amanhã tem o poder de transformar” (KRISTEVA, 2005, p. 9, grifo do autor). A forma de manifestação literária na escrita de Cabral (2020) ilustra novas texturas imputadas aos estudos literários na pós-modernidade, onde a literatura, diferentemente de como era conceituada no início e meado do século XIX, não tinha sido associada a lutas sociais ou, de modo mais significativo, a um encargo cultural cujas funções estariam inscritas em exercícios políticos.

A autora, muito embora discuta a complexidade da linguagem literária e não literária sob o espectro dos estudos semiológicos, Barthes (2009) critica a estrutura de abordagem teórico-metodológica da semiologia tradicional, porque segundo o autor, ela estaria mais interessada em emitir argumentos baseado em valores, do que as suas formas de manifestações.

Na década de 60, o livro *Mitologia* (1957) foi uma obra importante para a literatura e os estudos culturais, onde o estatuto da literatura, a investigação e o arredondamento do objeto literário, não ficariam estanques na intenção do autor como criticado por Compagnon (1999), quando ele argumenta que “Se uma obra pode continuar a ter interesse e valor para as

³³Muito embora esta ideia seja complexa, ela é compreensível. Os munícipes de Serra da Raiz, enquanto sujeitos, não conhecem a história cultural e os valores pelos quais se moldaram seus antepassados, neste sentido, não há um “letramento cultural” em torno da historicidade local. A título de exemplo, as origens de Serra da Raiz remontam a habitação dos índios potiguara nessas terras, mas ao chegar à Serra da Raiz, não se vê nenhuma arquitetura, museu, produção cordelista, componentes curriculares em escolas acerca da história local. À custa disso, crianças, jovens e adultos crescem desatualizados de sua própria história e identidade, enquanto que outros monopolizam tais fontes como meio de controle. Em linhas gerais, a nossa hipótese é, de certo modo, validada por este fato: o povo não está ligado diretamente à história cultural de sua própria cidade; em sua ausência, outras histórias são incrementadas, reescritas e comercializadas como genuínas.

gerações futuras, então seu sentido não pode ser paralisado pela intenção do autor nem pelo contexto de origem” (p. 85).

A abordagem que escolhemos para confrontar a forma de manifestação cultural e literária dos textos de Cabral a partir do ano de 2015 foi sedimentada nos estudos culturais, haja vista que a natureza sobre a qual repousa a crítica ao cárcere, não pode ser compreendida sem que se entenda a sua dimensão política, mitológica e religiosa e, além disso, sem que se leve em conta o porquê tais textos provocaram tanto cisma naqueles que, politicamente e economicamente, são superiores a um adolescente em estado de vulnerabilidade.

Nesse sentido, Culler (1999) escreve o seguinte sobre a relação dos estudos culturais na literatura:

Mas qual é a relação entre estudos literários e estudos culturais? Em sua concepção mais ampla, o projeto dos estudos culturais é compreender o funcionamento da cultura, particularmente no mundo moderno: como as produções culturais operam e como as identidades são construídas e organizadas, para indivíduos e grupos, num mundo de comunidades diversas e misturadas, de poder do Estado, indústrias da mídia e corporações multinacionais (CULLER, 1999, p. 49).

A citação a cima endossa um dos objetivos específicos de nossa análise literária aos textos de Cabral: “como as identidades são construídas e organizadas”. O confronto que deve ser percebido entre a manifestação literária dos textos de Cabral contra o grupo político situado em nossa pesquisa, não é uma relação de ideologias como caracterizada pela crítica marxista e nem deve se esgotar na crítica semiológica de Kristeva (2005) que foi criticada por Barthes (2009), mas sim em um choque entre culturas, a cultura dominante que, ao longo de três décadas endossou práticas sociais e culturais em torno de uma aceitação dogmática de sujeição ao cárcere e a destruição “cancerígena” de si, contra o desmonte dessa “indústria da morte” que foi denunciado pelo nosso ativismo a partir do ano de 2015.

O espaço, conforme Tuan (1999) e Cabral pode ser substancialmente transformado em lugar mítico por meio de práticas sociais e valores de um sujeito ou uma comunidade. Na mitologia grega ou no caráter mesmo dos olímpicos, estes não habitam entre os homens por existir uma associação de valores entre o lugar profano e o lugar sagrado os quais, por hierarquia, os deuses habitam no *Monte Olimpo* (sempre distante e colossal) e os homens abaixo, cujo contato ocorreria através de orações ou quando os próprios deuses escolhessem formas de contatar a espécie humana para emitir algum dever ou realizar algum desejo. Essa

narrativa é uma forma de manifestação literária presente em produções fílmicas, livros, imaginário, monumentos entre outros.

É inquestionável que alguém ou toda uma comunidade, numa dada época da história, buscou representar tais atividades, alguém pensou, alguém escreveu ou transmitiu por tradição oral tais narrativas oníricas. Em nosso município, o modo pelo qual os chefes do cárcere se organizam parece indicar uma categoria de pensamento, de valores (conscientes ou inconscientes) que alude à aspectos mitológicos entre os quais se assemelham ao *modus vivendi* dos olímpianos. A ex-gestora, Adailma Fernandes, que encerrou o seu mandato no ano de 2020, elegendo o seu vice e ex-marido e atual prefeito Luiz Machado, não reside em Serra da Raiz há mais de 12 anos, isto é, a mesma mora na cidade de Belém/PB. Igualmente, o atual prefeito, Luiz Machado, não reside em nossa cidade, mas mora em Pirpirituba/PB há mais de 12 anos, tal como a sua ex-esposa.

Em discussão anterior, havíamos dito que há uma dupla representação entre povo-cidade e cidade-povo impelidas pelos chefes do cárcere, do qual absorvemos que o espaço físico de Serra da Raiz, conforme a premissa desta pesquisa é apenas um espaço de sobrevivência e moradia para os detentos, enquanto que esse espaço, para os chefes do cárcere, transformou-se num lugar, o que pode ser conceituado da seguinte forma:

O espaço mítico orientado tem outras características gerais. Organiza as forças da natureza e da sociedade associando-as com localidades ou lugares significantes dentro do sistema espacial. Tenta tornar compreensível o universo através da classificação de seus elementos e sugerindo que existem influências mútuas entre eles. **Atribui personalidade ao espaço, conseqüentemente transformando o espaço em lugar** (TUAN, 1999, p. 103, grifo nosso).

A especulação de que os gestores constroem a sua realidade social através de aspectos fantasiosos, ficcionais e míticos é válida porque o modo como eles materializam seus valores, seus símbolos, suas subjetividades, indicam fenômenos de ordem imaginária, mitológica; não forçosamente de ordem empírica. “O símbolo é, pois, uma representação que faz *aparecer* um sentido secreto, é a epifania de um mistério” (DURAND, 1993, p. 12, grifo do autor).

O cárcere sensivelmente como uma prisão material não é perceptível, uma vez que não existe, mas é uma epifania que se constrói com parcimônia de modo que o processo de culturalização se naturalize; que a coisa (o cárcere) se apresente como um acontecimento por obséquio, que os detentos, por sua vez, não o interpretem como repressão, mas como benefício, como necessidade de movimento da comunidade, da realidade a qual estão

compelidos. De acordo com Durand (1993) “[...] chegamos à imaginação simbólica propriamente dita quando o significado não é *de modo algum apresentável* e o signo só pode referir-se a um *sentido* e não a uma coisa sensível” (p. 10, grifo do autor).

Nesta asserção, assimilamos que o conceito de imaginação simbólica de Durand (1993) faz referência à variação entre o significante que para ele é uma extensão infinita e o significado, uma extensão finita. Se na concepção de Ferdinand de Saussure os aspectos exteriores ao símbolo/signo são assessórios ou, até mesmo, irrelevantes, para Durand, atinando para outras concepções, a dimensão do simbólico poderia se manifestar, também, de forma “[...] indireta quando, por esta ou por aquela razão, a coisa não pode apresentar-se em <<carne e osso>> à sensibilidade”³⁴.

Em consonância com este arco de pensamento, “O mundo sempre é já interpretado, pois a relação linguística prismática ocorreu entre representações, não entre a palavra e a coisa, nem entre o texto e o mundo. Na cadeia sem fim nem origem das representações, o mito da referência se evapora” (COMPAGNON, 1999, p. 99).

Tanto Durand (1993) quanto Compagnon (1999) estão de acordo com a premissa de que o significado de algo (significante) não se encontra inerte num objeto do mundo sensível³⁵, como acreditava a teoria linguístico-estruturalista sausseriana na centúria novecentista.

No capítulo intitulado de “*O Mundo*”, Compagnon (1999) discute sobre a contradição da teoria da literatura ao negar a velha concepção aristotélica de *mimesis* na qual a literatura seria a representação da realidade, em que a própria teoria literária possui como referência a *Poética* de Aristóteles juntamente com o seu conceito mimético. À vista disso, “[...] a *mimèsis* foi questionada pela teoria literária que insistiu na autonomia da literatura em relação à realidade, ao referente, ao mundo, e defendeu a tese do primado da forma sobre o fundo [...]” (COMPAGNON, 1999, p. 97, grifo do autor).

No cerne dessa discussão, verifica-se que o cárcere, o povo e seus chefes possui cada qual, porquanto suas representações sejam singulares, uma determinada delegação valorativa, por que mítica, a qual não existe alienação (no sentido da crítica marxista) entre o povo

³⁴Ibid., (1993, p. 7, grifo do autor).

³⁵“O símbolo define-se como pertencente à categoria do signo. Mas a maior parte dos signos são apenas subterfúgios de economia, que remetem para um significado que poderia estar presente ou ser verificado” (DURAND, 1993, p. 8). Este inquirimento de Durand se liga a discussão empreendida por Wilson & Martellota (2012) no ponto em que “A indagação central estava baseada na existência ou não da relação de similaridade – ou, para usar um termo mais moderno, *iconicidade* –, entre a forma (o código linguístico) e o sentido por ela expresso” (WILSON & MARTELLOTA, 2012, p. 71, grifo do autor). Segundo os autores, essa discussão foi originalmente pautada por Platão no qual Crátilo, Hermógenes e Sócrates participavam.

(detentos) e os seus chefes, mas uma relação simbiótica, sem que, de modo paradoxal, esse povo, consciente de seu lugar de reclusão, não interpreta o cárcere como prisão e nem possui identidade cultural senão por atribuição assessória que se condensa num sistema de articulação cultural da lógica de organização do cárcere, como também dos meios e regras pelos quais são indispensáveis para que o sistema prisional exista como tal.

O “povo” não é “gente simples”, desalojado de senso de responsabilidade e consciência, mas consciente, vivendo numa terra cujos valores culturais e identitários são irrelevantes, cujos chefes não habitam a própria terra, transmitindo, ainda que de modo subjacente, que há um sistema de diferenciação social a qual a própria cidade em que são gestores, não é um lugar fértil para se viver, mas para se dominar; viver entre os detentos seria ser um deles, eis a mensagem que hipoteticamente poderia estar presente numa porta imaginária: *A vós que chegais não se juntai aos detentos, se não tu te tornareis um deles*, parafraseando a famosa frase talhada no topo da porta do Inferno de Dante: “Deixai toda a esperança, vós que aqui entrais”.

4 O “ESPÍRITO DO CÁRCERE” E A PROFANAÇÃO DO TÚMULO: A EPIFANIA DOS SÍMBOLOS DE DOMINAÇÃO

A história antiga do homem está sendo redescoberta de maneira significativa através dos mitos e imagens simbólicas que lhe sobreviveram.

(Carl G. Jung, 2002)

Para empreendermos uma análise que dê conta das especificidades do religioso nos textos de Cabral, optamos, por questões metodológicas, sedimentá-la em duas categorias: o emprego do macabro sobre os “pais fundadores” e, em seguida, acerca do lugar mítico “Serra da Raiz” e como ele foi construído pelo escritor.

A representação do macabro foi amplamente discutida por Ariès (2012) em seu livro *A História da Morte no Ocidente* o qual nos deu base para lançarmos algumas proposições acerca do macabro nos textos de Cabral. De acordo com Ariès, na Idade Média a representação do macabro, seus símbolos, estavam intrinsecamente vinculados à morte física, o fim de si, alimentando a ideia, sobretudo de uma filosofia da morte, voltada a inexorabilidade de nossa mortalidade (ARIÈS, 2012).

O autor ainda descreve que com a cristianização do sentido de macabro, assim como o advento da *Yersinia Pestis* (Peste Negra) na Idade Média, foram aspectos que moldaram a subjetividade do homem medievo, mas que, em sua ótica, foi deturpada pela igreja por utilizar os simulacros do macabro e da morte, como redenção dos pecados ou para, forçosamente, converter os hereges e geri-los pelo medo.

Durante o ano de 2020, precisamente no dia 08 de novembro daquele ano, Cabral publicou um texto intitulado “*Serra da Copaoba: o dia Bonfim*”. Nesse texto, publicado no Facebook 07 (sete) dias antes das eleições municipais que ocorreram no dia 15 de novembro de 2020, o escritor narra mitologicamente a ascensão do atual prefeito que, em 2020, elegeu-se com 1.554 votos³⁶. Analisemos o primeiro fragmento desta crônica:

Na praça, os adolescentes brincavam com cabeças de bode, enquanto os pais observavam orgulhosos. Antes das 21 horas, escutei os cânticos da via-sacra. Repentinamente, Lúcifer iluminou o céu da noite. **No clarão, enxerguei, na frente do antigo teatro, um bode coroadado e os habitantes da Copaoba ajoelhados.** O senhor do Bonfim foi rapidamente coberto com um enorme

³⁶TRE-PB.

pano vermelho. “[...] a vós não está consagrada” – gritei. Todos me lançaram um olhar de reprovação (CABRAL, 2020, s.p., grifo nosso).

O antigo teatro de Serra da Raiz funciona atualmente como uma agência dos Correios. No enredo, observamos que o macabro está presente na figura do bode, isto é, um animal coroadado enquanto que os habitantes, neste sentido, os eleitores que votaram no candidato, estão prostrados, adorando a vitória da figura diabólica. Tuan (1983) escreve que “A arte literária chama a atenção para áreas de experiência que de outro modo passariam despercebidas” (p. 180).

A partir desta asserção, o real, o racionalismo e a ciência empírica em alguns casos, não possuem a astúcia do fenômeno literário que, neste sentido, dispõe da capacidade de fazer aparecer a dramaturgia hermeticamente ocultada por discursos cordiais e que se mostram “despretensiosos”.

A acepção de macabro para Cabral se aproxima do conceito de macabro levantado por Ariès no qual este, para explicar a nova manifestação dessa imagem na centúria novecentista, distancia-se do sentido empregado no medievo defendendo o seguinte: “Creio que todo homem de hoje experimente, em um dado momento de sua vida, a sensação mais ou menos forte, mais ou menos reconhecida ou recalcada de fracasso – fracasso familiar, fracasso profissional, etc.” (ARIÈS, 2012, p. 147).

O “macabro” de Cabral é tão contemporâneo quanto foi para Ariès no século XX. A imagem do macabro, tanto no século XX, quanto no século XXI não está associada, em consonância com Ariès, ao medo da morte – como na Idade Média –, mas a medos coletivos como de perder um emprego, não ter dinheiro para a própria subsistência entre outros. “O homem de hoje se vê um dia como um fracassado”³⁷.

Descrita como uma ritualística, a ideia de macabro empregada por Cabral problematiza um determinado sujeito assimilado ao fracasso, à dissolução dos direitos como cidadão a partir da perpetuação de mais um ciclo sobre o qual a besta metafórica iria reinar.

Na epígrafe deste capítulo, conjuramos uma premissa de Carl G. Jung (1875-1961) na qual o homem vem sendo repensado e redescoberto por símbolos que antes não foram problematizados por pensadores, sobretudo em sua dimensão religiosa e mitológica. Uma ideia que aparece veementemente na filosofia de Cabral é acerca da regeneração cíclica do tempo e dos acontecimentos.

³⁷Ibid., (2012, p. 147).

Esse conceito, por sua vez, funde-se à premissa defendida por Eliade (1992a) o qual determina que é “[...] na época da celebração do Ano Novo (durante os doze dias entre o Natal e a Epifania), significam a esperança de que a abolição do tempo é possível nesse momento mítico, no qual o mundo é destruído e recriado” (ELIADE, 1992a, p. 65)³⁸.

Presente na dogmática crística, assim como nas sociedades tradicionais, a tese do *Eterno retorno* cunhada por Eliade (1992a) se mescla as atividades, por obséquio, de uma sociedade – neste sentido, moderna – que as toma por natural, à medida que reproduzem, de forma inconsciente, práticas primitivas. Ao invocar as práticas míticas antiquíssimas das sociedades tradicionais à nossa contemporaneidade, Luc Benoist (1893-1980) escreveu:

Qualquer ocupação quotidiana era ritual. Nós próprios, homens de hoje, quando tiramos o chapéu por respeito, quando inclinamos a cabeça com deferência, quando estendemos a mão com cortesia, repetimos um rito antigamente sagrado que se tomou profano, um símbolo que se tornou hábito simples, mas que seria muitas vezes perigoso para a nossa segurança, ou simplesmente para a nossa reputação, não executar (BENOIST, 1975, p. 88).

O autor acima atingiu a mesma noção construída por Eliade (1992a) ao situar o profano, antítese do sagrado como *modus operandi* do homem moderno. O que hoje se tem por senso comum, práticas por obséquio e “cultural”, um dia foi sagrado porque fazia parte da realidade como um sistema governante para os povos arcaicos. “O homem faz-se a si próprio, e só consegue fazer-se completamente na medida em que se dessacraliza e dessacraliza o mundo” (ELIADE, 1992b, p. 98). No capítulo I lançamos uma hermenêutica sobre a categoria “povo” existente apenas como meio de controle, de contratos sociais, um “povo” esperto com a individualidade enodada e com uma subjetividade enxertada por um grupo de pessoas.

Traduzindo essa relação a partir da modernidade, especificamente do caráter moral, Feuerbach (2007), assim como Eliade (1992a, 1992b) e Benoist (1975) convergem para o fenômeno do homem profano, o que abdicou do sagrado como método de liberdade individual, do puritanismo medievo.

³⁸No texto ora abordado no capítulo I, analisamos o texto *Lúcifer* publicado em 08 de agosto de 2020, sobre o qual o autor trata deste período cíclico e de regeneração do tempo presente em sua mitologia. Em sua visão, o sentido mais pertinente de acordo com a nossa tese de um sagrado-macabro, é a de que o escritor utilizou esse conceito para determinar a atuação dos pais fundadores como agentes divinos que, de 4 a 4 anos (período de duração de mandato para prefeito), surgem como epifania para andar, bebericar, fazer-se presente junto ao eleitorado. E nesse período de interrupção do tempo, também são interrompidas as atividades astuciosas de perpetuação da miséria, perseguição política e qualquer noção que ultraje a representatividade política dos pais fundadores. As pessoas entram num “transe”, dançam ao som ritmado das canções políticas nos carros de som, participam de carreatas e passeatas. Nesse tempo, não existe nada de errado com o lugar “Serra da Raiz”. “Para ela, toda estação é tempo fértil. Em cada noite, no final de cada ano, o ritual de amamentação acontece” (CABRAL, 2020, s.p.).

Mas certamente para esta época que prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a fantasia à realidade, a aparência à essência, é esta transformação, exatamente por ser uma desilusão, uma destruição absoluta ou uma pérfida profanação, porque sagrada é somente a ilusão, mas profana a verdade (FEUERBACH, 2007, p. 25).

Se o macabro em nossos dias está ligado a medos coletivos como o de perder um emprego e de alvejar a velhice ou a morte sem realizar suas utopias individuais, logo o medo da morte, os cultos antigos, os sacrifícios a deuses (práticas primitivas do sagrado) perdem seu status por, na modernidade, não vibrar na mesma frequência daquilo que chamamos de “liberdade”.

Em nossa entrevista com Cabral no dia 09 de junho de 2021, o escritor afirmou que “Esse grupo de pessoas explora o medo do desconhecido”³⁹. E na pós-modernidade, que medo haveria de ser maior para famílias que sobrevivem de uma política assistencialista do que a incerteza do amanhã? De não terem a renda básica para comprar sua própria comida? Ainda de acordo com o entrevistado, “A legitimidade de um grupo político é construída no campo simbólico, portanto está relacionada ao uso de palavras, signos, movimentos, comportamentos e tudo mais que é capaz de se comunicar com o mundo interior das pessoas” (CABRAL, 2021, s.p.).

Mais importante do que refletir acerca de como um mito se estrutura é sabermos como ele nasce, isto é, sobre quais condições a espécie humana exorciza o racionalismo de si, invocando o ficcional em sua realidade? Deste modo,

O mito frequentemente é contrastado com a realidade. **Os mitos florescem na ausência do conhecimento preciso.** Por isso, no passado, o homem ocidental acreditou que existisse a Terra sem Mal, o Paraíso, a Passagem Noroeste ou a Terra Australis. Agora já não acredita. No entanto, os mitos não são uma coisa do passado, porque o conhecimento humano permanece limitado (TUAN, 1983, p. 96, grifo nosso).

Os poucos intelectuais que existiram e que ainda estão vivos no município de Serra da Raiz, traduzidos por uma aristocracia inegável, não refletiram, sistematizaram ou examinaram os discursos dos “grandes chefões”, à medida que seria inconveniente do ponto de vista do acesso à fortuna e glória imaginárias que eles estimam apropriar-se.

A historiografia de Serra da Raiz, na pós-modernidade, vem sendo forjada a partir de uma “supervalorização da cultura”, cuja força emana do executivo em diálogo com o

³⁹Cabral (2021, n. p.). OBS* Excerto da entrevista realizada no dia 09 de junho de 2021.

legislativo e que vem sendo reforçada e popularizada como os agentes que estão exorcizando décadas de ostracismo imprimidas nesse lugar, nas crenças e nos corpos, sendo que eles são os responsáveis pela existência do cárcere.

Tais intelectuais forjaram narrativas, nomeadamente sobre a história cultural de Serra da Raiz, ocultando o manancial de símbolos, do macabro que se ligam ao “fanatismo religioso” dos munícipes ao perpetuarem, de quatro a quatro anos, os pais fundadores. À custa disso, Tuan (1983) afirma que os mitos surgem na ausência de um conhecimento e/ou explicação sobre um dado fenômeno em específico.

Esse espaço não preenchido por uma resposta com base no real é onde nasce o mito, é as circunstâncias férteis para se preencher com representações, subjetivações, signos, gestos, ideais e utopias. O objeto circundante de interesse de Cabral buscou adentrar nesses espaços que, a nosso ver, foram ocupados por uma mitologia já gestada no ceio do cárcere e transmitida como algo dado, como cultural, como tradição.

Quando nós criamos um mito queremos, certamente, delegar um conjunto de valores sobre quem somos; o que fizemos e o que sistematizamos como “verdade” para posteridade. Neste sentido, Campbell (1990) em discussão com Moyers em seu livro *O Poder do Mito* defende o seguinte:

[...] **vim a compreender que aquilo que os seres humanos têm em comum se revela nos mitos.** Mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos. **Todos nós precisamos contar nossa história, compreender nossa história.** Todos nós precisamos compreender a morte e enfrentar a morte, e todos nós precisamos de ajuda em nossa passagem do nascimento à vida e depois à morte. Precisamos que a vida tenha significação, precisamos tocar o eterno, compreender o misterioso, descobrir o que somos (p. 16, grifos nossos).

No território do município de Serra da Raiz há, por meio de estudos historiográficos, uma determinada “história” contada, com métodos científicos e procedimentos que se apoiam naquilo que o nosso corpo físico consegue, a partir de operadores motores, biológicos e fisiológicos, acreditar como real. Nesse ínterim há, também, uma história não contada, mantida em cativeiro como uma “política metafísica” a qual seria absurda, sobretudo como conceito.

Em suas considerações, Eliade (1981) escreve que os mitos sempre apontam para acontecimentos primordiais, isto é, eventos da criação, do início e que, além disso, o mito revela a atividade das entidades sobrenaturais durante esse momento mítico, seus aspectos, suas finalidades. Campbell, nesta mesma linha teórica, defende similarmente duas questões

fundamentais destacadas na citação acima. A primeira delas diz respeito aos aspectos em comum que uma dada parcela do coletivo manifesta, enquanto que a segunda se assenta na necessidade de contarmos a nossa história pelo desejo de imortalizar algo que para nós é primordial.

Em nossa investigação, as fontes sugerem que o escritor tenha percebido essa história não contada, isto é, um controle político que o autor chama de “imperialismo das almas”. Distante de se resvalar em ponderações metafísicas, à expedição acerca da *mitologia da copaoba* indica a subsistência de dispositivos de controle dos corpos, mas também dispositivos de controle da alma, do simbólico.

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também, é a *interdição*. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa (FOUCAULT, 1996, p. 9, grifo do autor).

O conceito de “*Interdição*” foucaultiano nos auxilia a percebermos que um dado indivíduo, recluso a um sistema de poder, não pode agir contrário às leis regimentadas para o funcionamento de uma dada instituição, seja ela física ou simbólica. A *interdição* é uma premissa que prevê o que surge por oposição a uma noção holística da “liberdade individual”.

No caso do município de Serra da Raiz, por exemplo, os pais fundadores possuem um sistema de controle relativamente a mais de 1500 pessoas, haja vista que segundo dados do IBGE, a cidade possuía, em 2020, cerca de 3.131 habitantes, no qual dá aos gestores o controle de 60,7% \pm ⁴⁰ dos eleitores ao longo dos anos. Sempre que um dos oligarcas cede à vez para outro de sua espécie, conseguem transferir – com pouca margem de erro – o percentual informado de eleitores (votos).

Em suas crônicas, Cabral não busca a conscientização dos sujeitos por meio de valores (certo/errado) ou pretende expor algo (práticas políticas com teor de ilegalidade), mas, ao que sugere a crônica a seguir, o escritor se interessa por humanizar os eventos dos “deuses”, descrevendo seus equivalentes simbólicos no real, sobretudo que o diabo para ele não é uma entidade metafísica, mas feita de carne e osso como escreveu na crônica “*A Serra da Raiz que existe em mim*” (2019).

⁴⁰Luiz G. B. Duarte obteve 1554 votos durante as eleições municipais de 2020, logo, 60,7% \pm é em relação ao total de habitantes aptos a votarem que, de acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o município de Serra da Raiz possui exatamente 2.559 eleitores. Cf. <https://www.tse.jus.br/eleitor/estatisticas-de-eleitorado/consulta-por-municipio-zona>.

À vista disso, à medida que Cabral humaniza os oligarcas que, em sua ótica, pretendem ser “adorado como deuses”, ele os destitui de seu lugar mítico, evidenciando a falibilidade de seus símbolos, e consolidando a premissa de que não há sagrado, mas que há algo de profano na atuação desse grupo político.

No tocante a isso, a humanização não é uma visão unilateral, ela parte de um consenso, de uma coletividade, de uma democracia das sensibilidades.

Acho que era um domingo. **O sítio trindade** se escondia por detrás de uma névoa densa. Todos os habitantes da Copaoba se preparavam para o grande dia. Havia algo de gostoso no vento: acho que ele estava trazendo **os rastros da língua de fogo do oriente**. O terceiro monte que se elevava ao lado de Iniguaçu estava coberto por uma **túnica roxa**: “estamos na semana santa” – pensei. Todos os velhos da cidade se reuniram no **antigo Cuscuz** a fim de sagrar **a rainha da primavera**. O sacerdote da cidade, com um cingulo preto, pediu que apagassem as lâmpadas do centro. Eu sentei no antigo receptáculo da televisão comunitária. Todas as casas construídas no início do século XX estavam com santinhos em suas portas (CABRAL, 2021, s.p., grifo nosso).

Para compreendermos essa crônica, é importante situarmos seus intertextos e significados de algumas expressões que lhe conferem como texto literário. A crônica citada – “*Serra da Copaoba – o dia do Bonfim*”, foi publicada no dia 08 de novembro de 2020, sete dias antes das eleições municipais. Nela, o escritor narra a vitória do atual prefeito à luz de uma festividade profana e macabra. O grande lugar da crônica é Serra da Raiz (toponímia da antiga Serra da Copaoba) e os micro-espços do município são: o Sítio Trindade (zona rural da cidade e que pode ser vista do alpendre da Igreja Matriz) e o Antigo Cuscuz, atualmente a praça principal do centro da cidade, situada na Rua Largo da Matriz, localizada frente à prefeitura municipal.

No intuito de explorar detalhadamente cada referência dessa crônica, sistematizamos um quadro no qual expomos seus significados e referências:

Quadro 01: Fragmentos da crônica “*Serra da Copaoba – o dia do Bonfim*” (2020).

FRAGMENTO	SIGNIFICADO CORRESPONDENTE
“[...] rastros da língua de fogo do oriente”	<p>No ato dos Apóstolos⁴¹, cap. 2, v. 1-4 encontra-se a referência a esta passagem:</p> <p>1 E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar;</p> <p>2 E de repente veio do céu um som, como de um vento</p>

⁴¹ Cf. BÍBLIA ONLINE. Atos 2. [s.d.]. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/atos/2>. Acesso em: 31 ago. 2021.

	veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. 3 E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. 4 E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.
“túnica roxa”	A túnica Roxa faz referência a São João Batista e simboliza o jejum e austeridade para fins de fortalecimento espiritual. No calendário cristão, a túnica roxa é utilizada em Pentecostes, no dia 05 de junho.
“Rainha da Primavera”	Na mitologia grega a <i>Rainha da Primavera</i> é Perséfone, filha de Démeter e Zeus, esposa de Hades (Deus do submundo) ⁴² .
“Cíngulo Preto”	Uma espécie de cinto utilizado por acólitos, leitores e clérigos e que obedece ao tempo litúrgico.

Fonte: Arquivo pessoal.

Na crônica, continuamos a análise a partir da alusão à névoa densa por detrás das montanhas que pode significar uma atmosfera de tensão, de espera, de expectativa concernente ao dia da vitória do atual gestor. No quadro 1, estão sequenciadas algumas referências que o autor se munuiu para ilustrar aquele acontecimento vindouro. Primeiramente, ele cita que havia um vento estranho, isto é, “rastros da língua de fogo do oriente”, aludindo ao dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo (metáfora do fogo) desce dos céus (hierofania) e, com efeito, as pessoas começam a falar em outras línguas.

No sentido em que foi empregada na crônica, essa hierofania se apresentava como sagrada para o público presente, mas na verdade esse evento seria macabro, hipótese confirmada quando o escritor diz: “Estamos na semana santa – pensei”. Em seguida, ele escreve que os velhos estavam reunidos no antigo cuscuz para sagrar a Rainha da Primavera. No quadro, a rainha mítica é Perséfone, esposa de Hades (Deus do Submundo) e filha de Démeter (Deusa da agricultura) e Zeus (pai de todos os deuses).

Antes de casar-se com Hades, Perséfone era também chamada de Cora ou Kore, que significa “moça”, “donzela” ou “moça virgem”. Já o nome Perséfone significa “a que destrói a luz”. Outro nome comum de ser encontrado em referência à deusa é Persefoneia, uma variação do nome Perséfone (HIPERCULTURA, [s.d], s.p.).

Na citação acima, o significado do nome de Perséfone (a que destrói a luz) se harmoniza com a tese de que os pais fundadores, na mitologia cunhada por Cabral, agem

⁴²**Cf.** HIPER CULTURA. **Perséfone:** história e curiosidades da rainha do submundo. [s.d.]. Disponível em: <https://bityli.com/VT04G>. Acesso em: 31 jul. 2021. Online.

como agentes pestilentos. Ainda que a alusão à Perséfone seja a vitória de um homem, no caso de Luiz Machado, Cabral os coloca num único corpo, eles são uma única ideia. Na vida amorosa são separados, mas na política são casados. Assim sendo, Perséfone era esposa de Hades, responsável por causar destruição aos homens.

4.1 O IMPERIALISMO DOS ICONOCLASTAS E O “REINO DA SERPENTE”: UMA ANTÍTESE NECESSÁRIA

Em seu livro *O sagrado e o profano* Eliade (1992) conclui que “O homem só se tornará ele próprio quando estiver radicalmente desmistificado. Só será verdadeiramente livre quando tiver matado o último Deus” (p. 98). Se o “povo” está embriagado por uma realidade mítica a qual tomam por verdade, logo compreendemos que o canal de acesso para se comunicar com esse público, dão-se por meio de metáforas, símbolos e signos.

O “espírito do cárcere”, isto é, o conjunto de valores que calcificam a relação afetiva do “destruir-se” pela causa (*a continuidade da prisão*) sob o imperialismo dos oligarcas, pode ser pensado como o resultado das vitórias consecutivas dos gestores, não por sua “excelência” na arte de governar, mas por sua perspicácia em compreender os anseios mais profundos da população, sua fome física, mas também suas “fomes” por sonhos distantes, educação de qualidade, viagens, recursos financeiros para subsidiar uma melhor qualidade de vida etc.

Concernente a isso, os textos de Cabral serviram como um bisturi para apontar os discursos falaciosos insuflados sobre o “povo hospitaleiro”, “a cidade aconchegante” no intento de que essas falácias não obscureçam o fato de que o município, em suas histórias privadas, enfrenta a fome, a humilhação e a frustração de sonhos migrados para utopias.

Para esse sistema funcionar como artifício mitológico, foi necessária uma dupla função dos pais fundadores: agirem como entes sobrenaturais e, paradoxalmente, para se ocultarem, agirem como iconoclastas. Em teoria, apresentam-se como “deuses” para os fiéis, e como iconoclastas para seus inimigos, negando a sua mitologia e utilizando a realidade verificável pela ciência empírica como forma de se ocultarem das vozes insurgentes contra o seu imperialismo.

Não existe povo. Quer dizer, não temos uma massa de pessoas que compartilha dos mesmos sonhos, desejos e cultura. Temos vários indivíduos que atribuíram sentido à realidade a partir de uma complexa rede de símbolos criada pelo grupo de pessoas que está ocupando os espaços de

poder. Esse grupo de pessoas explora o medo do desconhecido (CABRAL, 2021, s.p.).

Na mitologia da copaoba, Cabral dispõe desta tese se referindo a epifania de um sagrado-macabro, não divino e amistoso como na representação do Deus benevolente narrado na mitologia judaico-cristã. Numa entrevista realizada no dia 06 de junho de 2021, o escritor nos fornece a sua própria definição de religião e a importância de sua utilidade na construção de suas crônicas.

A religião é, em minha concepção, capaz de oferecer às pessoas um conjunto de símbolos que, de algum modo, facilita a apreensão de uma realidade que, por vezes, é ofuscada pela nossa consciência. Refiro-me ao nosso mundo interior. Não podemos negar a existência desse mundo (CABRAL, 2021, s.p.).

No livro *Mito e Realidade*, Eliade (1986) nos ensina que nem todo mito é necessariamente falso, ideia predominante por qual foi tomada a palavra ficção (do grego *fictio*) na modernidade. Por exemplo, o mito da morte é verdadeiro porque é comprovado pela mortalidade do homem (ELIADE, 1986).

Além disso, “O nosso conhecimento do mundo seguiu a exploração que a nossa sensibilidade aplicava ao universo com o qual tentava identificar-se” (BENOIST, 1975, p. 21). Não podemos negar a existência dos sonhos, porque todos nós, ao dormirmos, sonhamos com pouca ou razoável regularidade.

De mais a mais, não podemos negar a existência de uma inconsciência, sobretudo quando situamos o aspecto da internalização da linguagem, da gramática, ou seja, não estamos conscientes de toda a complexa combinação de estruturas morfossintáticas em tempo real quando estamos em diálogo. No tocante a isso, somos capazes de reproduzir imagens transmitidas de forma inconsciente e, quando tomamos consciência, o direito de isenção de responsabilidade é postergado ao sujeito.

Nesta ressonância, o escritor não inventou as imagens mitológicas, assim como não fabricou as atividades dos pais fundadores do cárcere que se assemelham, no escopo historiográfico e no domínio da mitologia, a sistemas de governabilidade de deuses míticos, da divisória entre homens e olímpicos em exemplo à mitologia grega. Todo mito revela algo, ilustra as ações de sujeitos – humanos e entes divinos – neste sentido, e de acordo com Eliade:

Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em que consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje – um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para sobreviver, e trabalhando de acôrdo (*sic*) com determinadas regras. Se o Mundo *existe*, se o homem *existe*, é porque os Entes Sobrenaturais desenvolveram uma atitude criadora no “princípio” (ELIADE, 1986, p. 16, grifos do autor).

É indiscutível que o cárcere não existe como uma prisão física a qual se pode verificar por meio de métodos científicos, mas é, ao mesmo tempo, verificada enquanto fenômeno cultural atuante nos discursos, nos modos de subjetivação, de representação de si e do lugar e como tais valores influem para a perpetuação do cárcere. Tecemos algumas considerações acerca do lugar, da estrutura do cárcere e de seus pais fundadores (Ver. capítulo I) e como alguns desses componentes são essenciais ao funcionamento da engrenagem.

Para compreendermos o título deste capítulo, é necessário que façamos algumas considerações sobre o *Mito de Pandora*. A pedido de Zeus, Hefesto criou uma mulher como estratégia de punição à Prometeus que roubou o fogo dos deuses e o transmitiu aos homens. Sumariamente, Pandora que significa “todos os dons” foi constituída por três deuses: Afrodite, responsável por dotá-la de beleza e sedução (sexualidade), Atena deu-lhe a inteligência e a força e Hermes, noutra extremo, introduziu o poder da mentira e da enganação.

Gestado o modelo ideal e inegável diante dos deuses, Pandora foi enviada para Epimeteu, irmão de Prometeus juntamente com um jarro (majoritariamente conhecido por “caixa de pandora”) e, em seu interior, estava contido todos os males do mundo. Tomada por curiosidade, Pandora espionou o conteúdo que havia dentro do jarro e, por consequência, libertou os males sobre o mundo.

Aludindo a esse mito, entendemos que Cabral desempenhou um trabalho de arqueólogo ou, até mesmo, de profanador de túmulos, uma vez que o túmulo profanado (ou jarro mítico de pandora) era a descaracterização de uma mitologia forjada pelos pais fundadores a fim de gerir o real, a cidade, o lugar, as crenças, a fábrica de eleitores ideais.

O caráter do movimento político-literário, iniciado em 2015, foi uma odisseia e uma expedição à profanação desse jarro mítico no qual foi libertado o *modus operandi* dos pais fundadores, no qual foi trazido à baila décadas de repressão, usurpação das liberdades individuais, do direito de ser.

Durante o ano de 2019, após a publicação de um texto intitulado “*A Serra da Raiz que existe em mim*”⁴³, no dia 18 de agosto de 2019, uma série de eventos culminaram para a “expulsão” do escritor de sua cidade no dia 12 de outubro de 2019. Na introdução de sua dissertação de mestrado⁴⁴, o escritor escreve o seguinte:

Em meados de 2019, forças políticas inescrupulosas me levaram a abandonar Serra da Raiz, cidade onde passei a maior parte da minha vida. No mesmo ano, deixei a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), instituição onde orgulhosamente me fiz professor de História, e adentrei nos umbrais da Universidade Federal de Campina Grande com a finalidade de continuar meus estudos no Programa de Pós-Graduação em História (CABRAL, 2021, p. 13).

A sucessão de ataques originada em 2015 atingiu o seu ponto crítico no ano de 2019, uma vez que, conforme divulgado pelo autor em seu perfil do *Facebook*, o mesmo recebeu duas ligações com número restrito ameaçando-lhe, além de uma tentativa de arrombamento de sua propriedade durante a madrugada⁴⁵; eventos que coincidem com a publicação de seu texto o qual o professor e escritor, por meio de metáforas, aludiam à presença dos oligarcas, em sua rua, como demônios⁴⁶.

Nos últimos meses parei um pouco de gritar. Minha garganta estava doendo. Mas, no silêncio perturbado de minha vida, tive a oportunidade de contemplar com mais atenção a Serra da Raiz que habita dentro de minha alma. Os místicos diriam que foi uma apoteose. Tive, por assim dizer, a chance de fazer uma cartografia interna. Mas espero que entendam que tudo isso, talvez, seja resultado da atmosfera que estamos respirando. Paira certo tom de angústia, de expectativa, de disputa e de prazer sórdido. Por exemplo, ao abrir a porta de minha casa presenciei pessoas realizando um ritual macabro. Foi essa semana. Se fosse o som rítmico e animado do candomblé – a macumba que o pessoal fala – eu não me importaria, talvez até dançasse na roda. Eu gosto. Mas era um ritual verdadeiramente diabólico: conseguiram a proeza de invocar Satã. Se ao menos fosse o satã que minha vó me ensinava no catecismo. Mas era um demônio pior, pois era de carne e osso, cheio de veias e dentro dele pulsa um coração igualzinho o meu (CABRAL, 2019, s.p.).

⁴³ Cf. <https://bityli.com/JyE6u>.

⁴⁴ Cf. CABRAL, Júlio César Miguel de Aquino. **A Solidão dos Nômades**: a trajetória do padre Luís Gonzaga de Oliveira (1948-1959). 2021. Dissertação (Mestrado em História Cultural das Práticas Educativas) – Curso de História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2021.

⁴⁵ Cf. <https://bityli.com/tzfEA>. Link do post no *Facebook* o qual Cabral revela que sofreu ligações de ameaças no dia 25 de setembro de 2019.

⁴⁶ Importante declarar, para fins de interpretação, que não estamos levantando acusações contra quaisquer figuras públicas, ainda que este trabalho seja sobre uma análise sociocultural e política de Serra da Raiz por meio das crônicas de Cabral. Estamos apenas descrevendo, em ordem cronológica os fatos relacionados à publicação das crônicas do professor.

Na crônica intitulada “*A Serra da Raiz que existe em mim*”, publicada em 18 de agosto de 2019, podemos perceber que o autor, para compartimentar a ideia central de demônio ou de rito satânico, em alusão aos oligarcas, cita o candomblé que, em nossa cidade, recebeu o sentido pejorativo de “macumba”, nome de um instrumento utilizado nas rodas de dança ou “terreiro de macumba”, “quintal”, lugar onde se desempenha os ritos⁴⁷.

Para ele, fazer parte de uma roda de dança no candomblé não seria tão macabro ou nem mesmo é macabro, comparando-se com a presença física, não etérea dos pais fundadores. Religiosamente, o diabo, a figura mitológica que atravessa os séculos, não é uma entidade tímida aos olhos humanos, “[...] pois era de carne e osso, cheio de veias e dentro dele pulsa um coração igualzinho ao meu”⁴⁸.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir uma pesquisa acerca de símbolos, mitos, signos, representações e ficções num ocidente racionalizado foi extremamente difícil para nós, sobretudo porque há um confronto entre aquilo que pensamos, que se assenta no campo do imaterial, contra o que se pode apalpar com as nossas mãos e enxergar com nossos olhos. Assim, o objeto desta pesquisa nos permitiu transitar entre dois mundos: do ficcional e do real.

O estudo que realizamos em torno de uma realidade fundida à símbolos e representações que fogem ao campo do empirismo, nos deu evidências para afirmarmos que a distância que existe entre a realidade e o que é considerado ficção, é tênue. Além de tênue, o sentido de mitologia, consciência mítica, lugar mítico ganham notoriedade no real, à medida que as crônicas analisadas delinearão seus referentes, sua presença, seus discursos ou, como determinou Michel Foucault (1926-1984), sua materialidade discursiva.

Ainda que os sujeitos históricos envolvidos nas crônicas de Cabral tentem ofuscar essa colonização silenciosa que eles operam por meio de práticas culturais, o que a história registrou sobre seus feitos, suas façanhas, não escapam ao efeito de suas ações: o silêncio da população. Com o objetivo de não levantarmos hipóteses equivocadas sobre aspectos interpretativos das crônicas de Cabral, realizamos duas entrevistas que, a julgar pelo método,

⁴⁷De acordo com Marcondes (1977, p. 438 *apud* SEIXAS, 2016) “**Macumba s.f.** é um idiofone, percutido indiretamente, onde o bastão é raspado com uma pequena baqueta. Dessa forma, seria categorizado como 112.21. É um instrumento folclórico de origem africana, “de principio idêntico ao reco-reco”

⁴⁸*Ibid.*, 2019, s.p.

veio a corroborar nossas premissas e nossas análises sobre a mitologia da copaoba e sobre o “cárcere cultural” – produto dessa mitologia.

O leitor atento poderá, a partir deste trabalho, confrontar-se com duas frentes de batalha: de um lado, sujeitos que mitificam suas formas de governabilidade e, de outro, sujeitos que lutam pela destronização desses indivíduos que se veem como deuses diante dos habitantes que eles governam. A discussão levantada para solidificar essa hipótese a fim de distanciá-la de abstrações foi liderada, primeiramente, pela trajetória política dos pais fundadores do cárcere: Luiz Gonzaga Bezerra Duarte e Adailma Fernandes da Silva Lima e o que ambos construíram no município citado ao longo de quase 30 anos disputando eleições.

A partir das crônicas, analisamos a atuação desses sujeitos desde a década de 90 à segunda década do século XXI, situando pontos de inflexões entre eles, assim como a batalha imaginária que forjaram como verdade entre os anos de 2000/2008 a fim de intercalar, ao modelo de uma oligarquia, o poder executivo.

A construção mítica da atuação dos pais fundadores não é um tema obsoleto, haja vista que se iniciou no ano de 2015, quando Júlio César Miguel de Aquino Cabral, escritor/professor/historiador paraibano utilizou a rede social *Facebook* como canal de publicação de suas crônicas que apresentavam uma crítica às práticas socioculturais e políticas dos gestores de forma pouco convencional.

Munindo-se da linguagem literária para descrever, narrar, provocar os pais fundadores acerca de uma realidade duvidosa, os textos do escritor nos forneceu as bases necessárias para pensarmos na possibilidade de um cárcere, isto é, um mito de uma prisão cultural.

No primeiro capítulo, tratamos um pouco sobre o nascimento do cárcere como conceito possível e, fundamentalmente, como prisão cultural. Por meio das crônicas, entrevistas e dados historiográficos, buscamos sistematizar como ele funciona, sua dinâmica, seus governadores, seus trabalhadores, seus regimentos.

Além de as crônicas de Cabral contribuir para a realidade dessa prisão que pode ser verificada enquanto fenômeno cultural; compreende-se também, como a mitologia forjada pelos oligarcas opera no sentido de tornar o cárcere funcional periodicamente, ou seja, como ele necessita de reatualização e de adaptação a diversos contextos.

A questão circundante desta pesquisa se assenta na humanização e destronização que Cabral realizou ao aludir o governo dos oligarcas com uma mitologia macabra, ou seja, ao passo que o escritor trás ao público as semelhanças de atividades reais com ideias equivalentes no simbólico, ele destituiu os pais fundadores de seu “lugar invisível”, do seu

Monte Olimpo e faz com que as pessoas os enxerguem como humanos e não como entidades sobrenaturais.

O princípio da imortalidade associada aos oligarcas se liga ao tempo em que estão no controle do poder executivo e por não haver, na cidade, uma oposição consolidada que, numa disputa política, consiga destroná-los. No entanto, ainda que no mundo real eles permaneçam no controle do executivo há décadas, seus verdadeiros interesses foram revelados.

E essa “epifania”, esse *Jarro de Pandora*, foi abordada no terceiro capítulo quando atribuímos à Cabral o título de “arqueólogo” e de “profanador de túmulos” porque foi através de suas crônicas que alguns de nós pôde saber que existe um sarcófago, uma colonização silenciosa que não se inscreve apenas no domínio da fome fisiológica, mas de uma “fome afetiva”, ou seja, eles conhecem a fome dos serra-raizenses, seus sonhos, seus pontos de fragilidades e, por isso mesmo, dizemos que a extensão do seu governo não se encontra apenas no mundo observável, mas no mundo das representações, do simbólico, das crenças e da cultura.

Este trabalho não foi construído para conservarmos a nossa verdade na ingenuidade de pensar que ela exista na sociedade, mas de apresentar, a partir da pluralidade de sentidos da linguagem literária das crônicas analisadas, um panorama acerca da realidade sociocultural e política de Serra da Raiz, com o objetivo de que os munícipes possam compreender esse lugar real, mas também mítico conhecido sob a toponímia antiga de Serra da Copoaba.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia: o inferno**. São Paulo: Atena, 1955.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ASSIS, Gabriella L. de. Hayden White entre a história e a literatura. **Albuquerque: revista de História**, Campo Grande, MS, v. 4 n. 8 p. 131-151, jul./dez. 2012.

BENOIST, L. **Signos, Símbolos e Mitos**. Lisboa: Edições 70, 1975.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 30 jul. 2021.

BÍBLIA ONLINE. Atos 2. [s.d.]. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/atos/2>. Acesso em: 31 ago. 2021.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CULLER, J. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beca produções culturais Ltda, 1999.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 2.; CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 20., 2016, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Universidade Veiga de Almeida, 2016. 219 p. Tema: O gênero textual crônica: uma proposta de análise para fins de leitura e produção textual. Inclui bibliografia.

CABRAL, Júlio (Júlio Miguel de Aquino). **Apocalipse de Serra da Raiz – PB: o nascimento da tragédia – Jardim da Copaoba I**. Serra da Raiz, 07 jun. 2015. **Facebook**: usuário **Facebook**. Disponível em: <https://bitly.com/Zbt8B>. Acesso em: 05 ago. 2021.

CABRAL, Júlio (Júlio Miguel de Aquino). **Comunicado a todos os filhos de Serra da Raiz-PB**. Serra da Raiz, 05 mar. 2015. **Facebook**: usuário **Facebook**. Disponível em: <https://bitly.com/KIjNq>. Acesso em: 05 ago. 2021.

CABRAL, Júlio César Miguel de Aquino. **A fabricação do outro: as representações do povo na obra *Figuras e paisagens* do padre Luís Gonzaga de Oliveira (1915-1971)**. 2018. Monografia – Faculdade de História, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2018. Disponível em: <https://bitly.com/s26xj>. Acesso em: 30 jul. 2021.

CABRAL, Júlio (Júlio Miguel de Aquino). **A Serra da Raiz que existe em mim**. Serra da Raiz, 18 ago. 2019. **Facebook**: usuário **Facebook**. Disponível em: <https://bitly.com/JyE6u>. Acesso em: 05 ago. 2021.

CABRAL, Júlio (Júlio Miguel de Aquino). **Metáforas**. Serra da Raiz, 12 out. 2019. **Facebook**: usuário **Facebook**. Disponível em: <https://bitly.com/XCEuK>. Acesso em: 05 ago. 2021.

CABRAL, Júlio (Júlio Miguel de Aquino). **Lúcifer**. Serra da Raiz, 08 ago. 2020. **Facebook**: usuário **Facebook**. Disponível em: <https://bitly.com/3znkz>. Acesso em: 05 ago. 2021.

CABRAL, Júlio (Júlio Miguel de Aquino). **Serra da Copaoba: o dia do Bonfim**. Serra da Raiz, 08 nov. 2020. **Facebook**: usuário **Facebook**. Disponível em: <https://bitly.com/QnH85>. Acesso em: 05 ago. 2021.

CABRAL, Júlio César Miguel de Aquino. **A Solidão dos Nômades: a trajetória do padre Luís Gonzaga de Oliveira (1948-1959)**. 2021. Dissertação (Mestrado em História Cultural das Práticas Educativas) – Curso de História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2021.

DICIO. **Corno**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/corno/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

DICIO. **Chifrudo**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/chifrudo/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1993.
- EIKHENBAUM, B et al. **Teoria da literatura - formalistas russos**. Porto Alegre: Editora Globo, 1973.
- ELIADE, Mircea. **Mito e verdade**. 2ª. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.
- ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992a.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992b.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. 27ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 3ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 9ª. ed. São Paulo: 2019.
- FEUERBACH, L. **A essência do cristianismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- HIPER CULTURA. **Perséfone: história e curiosidades da rainha do submundo**. [s.d.]. Disponível em: <https://bityli.com/VT04G>. Acesso em: 31 jul. 2021. Online.
- IBGE. **Serra da Raiz**. Disponível em: <https://bityli.com/GU7TZ>. Acesso em: 30 jul. 2021. Online.
- JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. 6ª. ed. São Paulo: Casa dos Livros, 2002.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2ª. ed. São Paulo: Ateliê editorial, 2001.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama fotográfica**. 3ª. ed. São Paulo: Ateliê, 2002.
- KRISTEVA, Júlia. **Introdução à semanálise**. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- LIRA, Cleiton da S. D.; COSTA, M. S da. A estética da representação: o universo romântico orquestrado na obra a Tragédia do Major do padre Luís Gonzaga de Oliveira. In: VII Semana de Humanidades: Subjetividades, Sociedades e Mídias Tecnológicas, nº 7, 2019, Guarabira/PB. **Anais**. Guarabira: UEPB/CH, 2019, p. 118. **Anais**. Guarabira: UEPB/CH, 2019. p. 118.
- MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In.: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010, p. 19-36.
- MARTELLOTA, M. E. **Manual de Linguística**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- PAULA, Maria Regina de,. *Gêneros textuais no ensino: Contribuições à construções do sujeito de sujeitos e reflexivos e autônomos*. In.: OSORIO, Ester Myriam Rojas (Orgs.).

Mikhail Bakhtin e os gêneros do discurso na educação. São Carlos: Predo & João, 2011, p. 191-200.

RIBEIRO, Maria G. **Imaginário da serpente de A a Z.** Campina Grande: EDUEPB, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. **O fio perdido:** ensaios sobre a ficção moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

SEIXAS, Gabriel da Rosa. **Macumba.** 01 ago. 2016. Disponível em: <https://bitly.com/FTLIQ>. Acesso em: 20 ago. 2021.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

TRIBUNA DA IMPRENSA. **O poder sem pudor:** briga de casal. Rio de Janeiro: Tribuna da Imprensa, 2001.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Estatísticas do eleitorado – Consulta por município/zona eleitoral.** Disponível em: <https://bitly.com/AuGKY>. Acesso em: 11 ago. 2021.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DA PARAÍBA. **Eleições anteriores.** Disponível em: <https://www.tre-pb.jus.br/eleicoes/e/eleicoes>. Acesso em: 11 ago. 2021.

Entrevistas

CABRAL, J. C. M. de A. **Entrevista com Júlio.** [Entrevista cedida a] Cleiton da Silva Duarte Lira. [S.I], Serra da Raiz, 30 out. 2020.

CABRAL, J. C. M. de A. **Entrevista com Júlio.** [Entrevista cedida a] Cleiton da Silva Duarte Lira. [S.I], Serra da Raiz, 09 jun. 2021.

FERREIRA, Jardel Gomes de A. **Entrevista com Jardel.** [Entrevista cedida a] Cleiton da Silva Duarte Lira. [S.I], Serra da Raiz, 13 mar. 2021.

APÊNDICE

APÊNDICE A – CRONOLOGIA DA PESQUISA

- **19/05/1915** – Nascimento do padre Luís Gonzaga de Oliveira.
- **12/02/1956** – nascimento de Luiz Gonzaga Bezerra Duarte. Filiação: Maria Bezerra Duarte e Antônio Evangelista Duarte.
- **03/11/1964** – nascimento de Adailma Fernandes da Silva Lima. Filiação: filha de Manoel Barbosa da Silva e Josefa Fernandes da Silva.
- **1988/1992** – Luiz Gonzaga Bezerra Duarte inicia sua carreira política como vereador e 2º secretário da Câmara Municipal de Serra da Raiz/PB.
- **1992** – Luiz Gonzaga Bezerra Duarte disputa as eleições municipais.
- **1993/1996** – Período em que Luiz Gonzaga Bezerra Duarte foi prefeito.
- **30/11/1995** – nascimento de Júlio César Miguel de Aquino Cabral.
- **1996** – período em que Valdir José de Lima, atual (2021) esposo de Adailma Fernandes da Silva Lima disputou a campanha no referido ano como candidato a prefeito, não se elegendo.
- **2000** – Adailma Fernandes da Silva Lima disputa as eleições municipais e ano em que inicia sua carreira na política de Serra da Raiz como candidata a prefeita.
- **2000** – Luiz Gonzaga Bezerra Duarte disputa as eleições municipais.
- **2001/2004** – período do mandato da 1º vitória de Adailma Fernandes da Silva Lima como candidata à prefeita nas eleições municipais do ano 2000.
- **2004** – Adailma Fernandes da Silva Lima disputa sua 2º eleição municipal como candidata a prefeita.
- **2004** – Luiz Gonzaga Bezerra Duarte disputa as eleições municipais como candidato a prefeito.
- **2005/2008** – período do mandato da 2º vitória de Adailma Fernandes da Silva Lima como candidata à prefeita nas eleições municipais de 2004.
- **2005** – primeiro processo judicial de Luiz Gonzaga Bezerra Duarte contra “Crimes Previstos na Legislação Extravagante / Crimes de Responsabilidade”. Processo requerido pelo STJ (Superior Tribunal de Justiça).

- **2008** – Luiz Gonzaga Bezerra Duarte disputa as eleições municipais como candidato a prefeito.
- **2008** – Cícero Vaqueiro, candidato de “oposição” de Adailma Fernandes da Silva Lima disputa as eleições municipais; não se elegendendo.
- **2008** – José Augusto de Oliveira, pai de Eric Bem-Hur de Oliveira funda a Sociedade Amigos da Cultura Iniguaçu (ONG SACI)⁴⁹.
- **2009/2012** – período do mandato da 2ª vitória de Luiz Gonzaga Bezerra Duarte como candidato a prefeito nas eleições municipais de 2008.
- **2011** – Luiz Gonzaga Bezerra Duarte é condenado a 10 anos de prisão por crime de responsabilidade de acordo com a *Ação Penal* 999.2010.000446-7/1. Cf. <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/30387059/pg-7-diario-de-justica-do-estado-da-paraiba-djpb-de-09-09-2011>.
- **2012** – segundo processo judicial de Luiz Gonzaga Bezerra Duarte contra “Crimes Previstos na Legislação Extravagante / Crimes de Responsabilidade”. Processo requerido pelo STJ (Superior Tribunal de Justiça).
- **2012** – Adailma Fernandes da Silva Lima disputa sua 3ª eleição municipal como candidata a prefeita.
- **2013/2016** – período do mandato da 3ª vitória de Adailma Fernandes da Silva Lima como candidata a prefeita nas eleições municipais de 2012.
- **2013** – início do 1º processo contra Adailma Fernandes da Silva Lima por *Ato de Improbidade Administrativa* a qual foi condenada por unanimidade no ano de 2017 pelo Tribunal de Justiça da Paraíba (TJ-PB)⁵⁰. OBS* Processo em andamento no presente ano (2021). Cf. <https://bitly.com/tsBfx>.
- **2015** – Chegada da internet via Fibra Ótica em Serra da Raiz. Parceria: ONG SACI e a BR 27 Tecnologia – empresa de serviços de internet da cidade de João Pessoa/PB.
- **2015** – publicação da primeira crônica: “*Comunicado a todos os filhos de Serra da Raiz-PB*” de Júlio César Miguel de Aquino Cabral no Facebook.
- **2015** – publicação da crônica: “*Apocalipse de Serra da Raiz-PB: O Nascimento da Tragédia – o Jardim da Copaoba I*” de Júlio César Miguel de Aquino Cabral no Facebook.
- **2016** – Eric Ben-Hur de Oliveira disputa as eleições municipais como candidato a vereador.

⁴⁹ Cf. Consulta do CNPJ: **09.522.869/0001-70** nas bases de dados da Receita Federal.

⁵⁰ A notícia da condenação foi repercussão em grandes sites de notícias como o G1 da Globo. Ver: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/prefeita-de-serra-da-raiz-pb-e-condenada-por-despesas-irregulares.ghtml>.

- **2019** – publicação da crônica: “*Metáforas*” de Júlio César Miguel de Aquino Cabral no Facebook.
- **2019** – publicação da crônica: “*A Serra da Raiz que existem em mim*” de Júlio César Miguel de Aquino Cabral no Facebook.
- **2020** – publicação da crônica: “*Lúcifer*” de Júlio César Miguel de Aquino Cabral no Facebook.
- **2020** – publicação da crônica: “*Serra da Copacoba – o dia do Bonfim*” de Júlio César Miguel de Aquino Cabral no Facebook.

ANEXOS

ANEXO A – 1º ENTREVISTA COM JÚLIO CÉSAR MIGUEL DE AQUINO CABRAL
NO DIA 30 DE OUTUBRO DE 2020

Entrevista

Observação: A entrevista foi realizada respeitando as regras de distanciamento social sugeridas pela OMS (Organização Mundial da Saúde).

Entrevistador/Pesquisador: Claiton da Silva Duarte Lira (Graduando em Letras-Português – UEPB)

Entrevistado: Júlio César Miguel de Aquino Cabral

Questionário:

1 – Seus textos possuem a presença de aspectos mitológicos e literários que se ligam a descrição do cotidiano político e social do município de Serra da Raiz-PB. Em sua opinião, como devemos interpretar a utilidade de uma linguagem literária no que se refere à denúncia dos problemas sociais ocasionados por uma realidade política marcada pela corrupção e pela longa permanência de uma única família à frente da referida cidade?

Resposta: A fronteira entre a fantasia e a realidade é, em minha opinião, muito tênue. A realidade social é, de certo modo, fabricada por meio de mitos, sonhos, fantasias e ficções. Desse modo, acredito que a linguagem literária pode ser um caminho, entre tantos outros, para aqueles que ainda acreditam na possibilidade de uma sociedade mais igualitária e, conseqüentemente, menos injusta.

2 – O que te motivou a iniciar, a partir do ano de 2015, um movimento literário e político?

Resposta: A história de Serra da Raiz foi forjada pelas mãos daqueles que sempre estiveram amparados pelos privilégios sociais. Esses indivíduos construíram imensos monumentos genealógicos e, além disso, trabalharam arduamente no sentido de silenciar diversos aspectos sociais, políticos e históricos que, de algum modo, não estavam de acordo com o passado mítico que eles fabricaram. Em linhas gerais, foi esse silêncio que me incomodou.

Afirmo que aceitei participar dessa entrevista por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Júlio César Miguel de Aquino Cabral * Entrevistado *
Serra da Raiz – PB 30/10/2020

**ANEXO B – 2º ENTREVISTA COM JÚLIO CÉSAR MIGUEL DE AQUINO CABRAL
NO DIA 09 DE JUNHO DE 2021**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

ENTREVISTA

Prof. Pesquisador: Cleiton da Silva Duarte Lira
Matrícula: 172450500
Turma: 2017.2
Turno: Tarde

Prof. Ms. Entrevistado: Júlio César Miguel de Aquino Cabral

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu Júlio César Miguel de Aquino Cabral brasileiro, casado, portador do CPF sob o nº [REDACTED] e do RG sob o nº [REDACTED] domiciliado no endereço Rua Elias Alves Heixel, 511, Cuitégi - PB e no CEP 58.208.000 devidamente matriculado no Monitorado (PPGH-UEPB) na instituição de ensino superior Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) confirmo que participei, por livre e espontânea vontade desta entrevista, por escrito, com respostas subjetivas e respeitando as normas sanitárias e de distanciamento social estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) ao pesquisador Cleiton da Silva Duarte Lira devidamente matriculado na Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Guarabira/PB.

Cuitégi – PB

09 de junho de 2021

Júlio César Miguel de Aquino Cabral
Entrevistado

ANEXO C – ENTREVISTA COM JARDEL GOMES FERREIRA NO DIA 13 DE MARÇO DE 2021



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

ENTREVISTA

Entrevistador/Pesquisador: Cleiton da Silva Duarte Lira (Graduando em Letras Português – UEPB).

Entrevistado:

Eu Jardel Gomes Ferreira residente da cidade: Serra da Raiz com a idade de: 38 no CEP: 58260-000 Domiciliado no endereço: Rua São Sebastião na data de: 23.03.2021 confirmo que a presente entrevista foi realizada por livre e espontânea

vontade ao pesquisador e aluno de graduação Cleiton da Silva Duarte Lira, pesquisador e aluno do curso de graduação em Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e que não fui coagido ou forçado a participar da entrevista. Concordo também que, para todos os fins, a pesquisa solicitada é de interesse público sobre a história do município de Serra da Raiz-PB, e que todas as informações declaradas nesta entrevista, tematiza a experiência pessoal e particular, de modo que a minha subjetividade e o meu conhecimento histórico sobre a realidade, devem ser respeitados como qualquer outro recurso intelectual.

SOBRE A ENTREVISTA

Após o termo de consentimento, a entrevista será gravada mediante o uso de aparelho telefônico (*Smartphone*), onde o entrevistado autoriza que o entrevistador grave apenas o seu áudio e não a sua imagem. Para todos os fins, autorizo, por livre e espontânea vontade, que o pesquisador se utilize de minhas palavras em citações escritas em qualquer natureza textual falada ou escrita como dados investigativo e probatório de seus trabalhos.

Serra da Raiz – PB

Data: 13/03/2021

A ENTREVISTA FOI REALIZADA OBEDECENDO AS REGRAS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL SUGERIDAS PELA OMS (Organização Mundial da Saúde).

**ANEXO D – PRIMEIRA CRÔNICA DE JULIO C. M. DE AQUINO CABRAL:
“COMUNICADO A TODOS OS FILHOS DE SERRA DA RAIZ – PB” PUBLICADA
NO DIA 05 DE MARÇO DE 2015 NO FACEBOOK**



Júlio Miguel de Aquino está com **Marcela Quezia** e outras **76** pessoas em **Serra da Raiz.**

5 de março de 2015 · 🌐

COMUNICADO A TODOS OS FILHOS DE SERRA DA RAIZ-PB

Homens e mulheres de todas as idades, vocês estão ouvindo e vendo esses discursos "eruditos" e intelectuais que ecoam no ar leve de nossa alta cidade? Pois bem, são mentirosos. Este discurso de salvação é antigo demais para ser engolido como novo. Venho, por meio deste comunicado, informar a vocês que toda essa eloquência nos rádios logo vai se transformar em um silêncio assustador.

- Ora, mas quem és tu? Um pobre estudante de História da UEPB que não tem um sobrenome importante. Pois bem, batizo-me com os sobrenomes de todos os "José" que aqui viveram.

Tudo se repete! As pessoas estão cansadas de ouvir falar no mito dos "novos céus e novas terras" que nunca chegam. Dona Toinha, grande cantora de nossa terra, grita: "vencestes os Potiguaras". É que as flechas têm menos força que o dinheiro. Homens "importantes", peço, com um pouco de atrevimento, em nome de cada seu José e dona Maria que já semeou neste solo sagrado: não poluam o ar de minha cidade com esses discursos hipócritas, mentirosos e profanos. Juntem todas essas palavras e joguem aos porcos de "seu Luiz" que ficam atrás de minha rua. Com todo o respeito, as palavras de vocês parecem com as velhas catacumbas: bem pintadas por fora, cheias de vermes por dentro .

Pois bem, seguindo a linha ideológica e filosófica de meus amigos, Cleiton Duarte Lira e João Paulo Ferreira, e em nome das lendas de seu "Cajé " e de todos os moradores sem sobrenome de minha cidade, quero sinceramente e ingenuamente desejar que a pedra do "Peroá" se abra e o Inferno de Dante engula todo esse lixo sonoro que vocês propagam por meio do rádio, essa ideia genial de Guglielmo que vocês usam como depósito de lixo.

Att. Seu José, Dona Maria, seu Antônio, Rafinha, Cajé, João Lucas, José Miguel e todas as crianças de meu paraíso.


115

47 comentários 85 compartilhamentos

ANEXO E – CRÔNICA “APOCALIPSE DE SERRA DA RAIZ-PB: JARDIM DA COPAOBA I” DE JULIO C. M. DE AQUINO CABRAL PUBLICADA NO DIA 07 DE JUNHO DE 2015 NO FACEBOOK



Júlio Miguel de Aquino está com **Edvaldo Júnior** e outras 39 pessoas.

7 de junho de 2015 · Serra da Raiz · 



Apocalipse de Serra da Raiz - PB

O nascimento da Tragédia – Jardim Da Copaoba I

No início era o Caos. O vento do descaso banhava o mundo das pessoas comuns. Em cima desse mundo, havia o Jardim da Copaoba. Lá viviam os Deuses. Eles pouco se importavam com o mundo dos humanos. Viviam em harmonia, faziam festanças e costumavam se reunir em grandes reuniões onde saboreavam um líquido muito amado chamado “Suordepobre”.

Mas, certo dia, alguns desses deuses notaram que, no seu copo bancário, havia menos “Suordepobre” do que no copo dos outros Deuses e então o céu tremeu: nasceu a tragédia! O sol perdeu o brilho, a lua perdeu a cor e o mar das redes sociais foi agitado pela fúria da ganância. Eles se rebelaram contra os outros deuses, juntaram uma legião de anjos e fugiram para a terra dos homens comuns.

Os deuses então começaram a gritar nas ruas: "Vamos salvar a Serra, vamos mudar, somos a solução" (teve até publicações de revoltas) e projetos bonitos.

.

Mas eis que a criança profeta escreve: "Homens e mulheres não aplaudam. A serra grita: meus filhos morrem diariamente, iludidos pelas promessas que nunca chegam! O que todos eles querem é o 'Suordepobre'. Eles fingem se importar, mas é teatro. Se brigam, não é por nós, 'meros mortais', mas pelos seus interesses. Se o dinheiro entra novamente, eles se abraçam e vão beber juntos o líquido produzido pelas testas dos serra-raizenses.

Novo Apocalipse, capítulo: 1 versículo: 3.

 25

3 comentários 10 compartilhamentos

ANEXO F – CRÔNICA “A SERRA DA RAIZ QUE EXISTE EM MIM” DE JULIO C. M. DE AQUINO CABRAL PUBLICADA NO DIA 18 DE AGOSTO DE 2019 NO FACEBOOK



Júlio Miguel de Aquino está com Cleiton Lira e outras 2 pessoas.

18 de agosto de 2019 · 🌐

⋮

A Serra da Raiz que existe em mim

Nos últimos meses, parei um pouco de gritar. Minha garganta estava doendo. Mas, no silêncio perturbado de minha vida, tive a oportunidade de contemplar com mais atenção a Serra da Raiz que habita dentro de minha alma. Os místicos diriam que foi uma apoteose. Tive, por assim dizer, a chance de fazer uma cartografia interna. Mas espero que entendam que tudo isso, talvez, seja resultado da atmosfera que estamos respirando. Paira certo tom de angústia, de expectativa, de disputa e de prazer sórdido. Por exemplo, ao abrir a porta de minha casa, presenciei pessoas realizando um ritual macabro. Foi esta semana. Se fosse o som rítmico e animado do candomblé – a macumba que o pessoal fala – eu não me importaria, talvez até dançasse na roda. Eu gosto. Mas era um ritual verdadeiramente diabólico: conseguiram a proeza de invocar Satã. Se ao menos fosse o satã que minha vó me ensinava no catecismo. Mas era um demônio pior, pois era de carne e osso, cheio de veias e dentro dele pulsa um coração igualzinho ao meu.

Digo isto com autoridade, pois conheço Satã com certa intimidade. Acho que todos vocês conhecem. É que alguns não conhecem por satã. Chamam de ex-prefeito ou de prefeita atual. Sinceramente, acho eufemismo. A modernidade chegou ao inferno: antes colocavam uma vela preta, uma cabeça de bode, mas hoje usam câmeras fotográficas. Conheço o inimigo e sei onde ele mora. Mas devo continuar com a minha cartografia, mesmo sabendo que possa desagradar algum cristão. O candidato que hoje é a única esperança de fazer rodar a engrenagem de nossa frágil democracia apoiou, na última eleição, um fascista (Jair Bolsonaro). Desta forma, esse sujeito trouxe para nossa terra que já é suja de sangue dos indígenas mortos a sombra de uma forma de organização social que se nutre pelo sangue dos pobres, dos pretos, das mulheres, dos homossexuais, dos sem terra e dos indígenas. Infelizmente, estamos emparedados.

Não é preciso dizer que satã não se invoca sozinho: ele precisa de nós. Parece blasfêmia. Logo nós que frequentamos as igrejas periodicamente. Mas vamos virar a esquina e falar da “cultura”. Os nossos agentes culturais, os que se proclamam taumaturgos egípcios e que dizem conservar a cultura pretérita da Serra da Raiz-PB, venderam a alma ao Diabo. Foi triste. Apesar do discurso ingênuo e da pretensão de monopolizar o capital cultural do município, eu esperava um fim menos macabro. Mas sempre há tempo para a redenção. Durante muito tempo eu esperei que meus textos provocassem uma revolução. Podem rir, pois sei que é muita ingenuidade. Ainda acredito numa revolução. Mas ela diminuiu de tamanho. A minha revolução se tornou um momento de silêncio e uma ocasião para recusar. Recusar a violência que é cometida cotidianamente contra aqueles que mais precisam de ajuda. Recusar o fascismo nosso de cada dia. Não vou dizer amém no final da oração que todos estão fazendo. Se tudo acabar e eles vencerem novamente, eu vou viver na Serra que existe em mim.




Marcela Quezia, Cleiton Lira e outras 34 pessoas

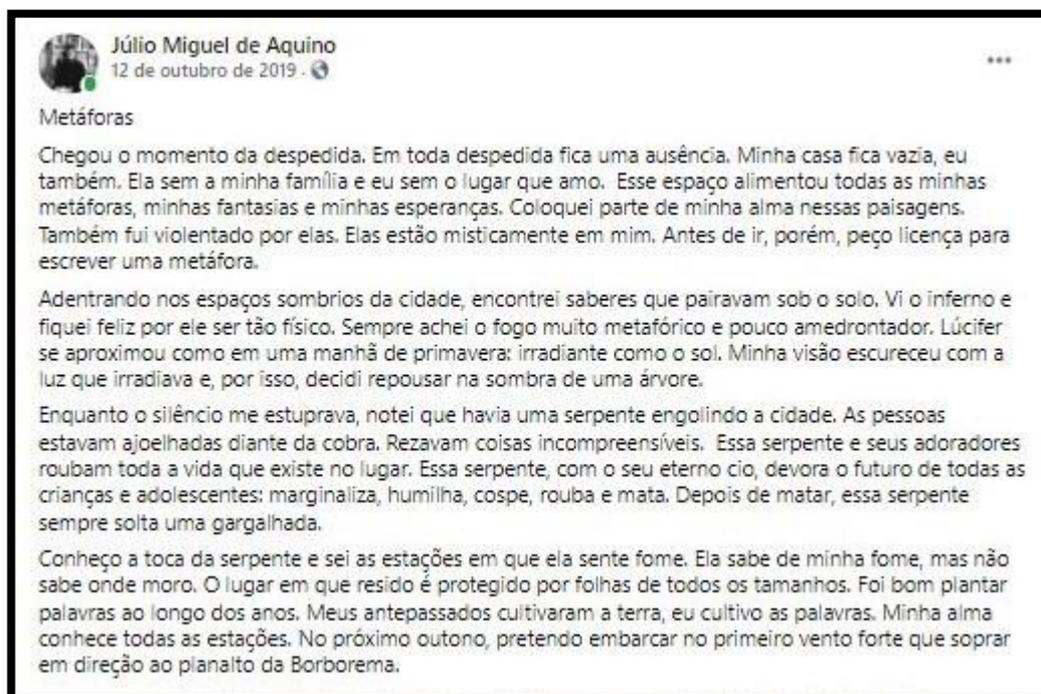
5 comentários 6 compartilhamentos

 Curtir

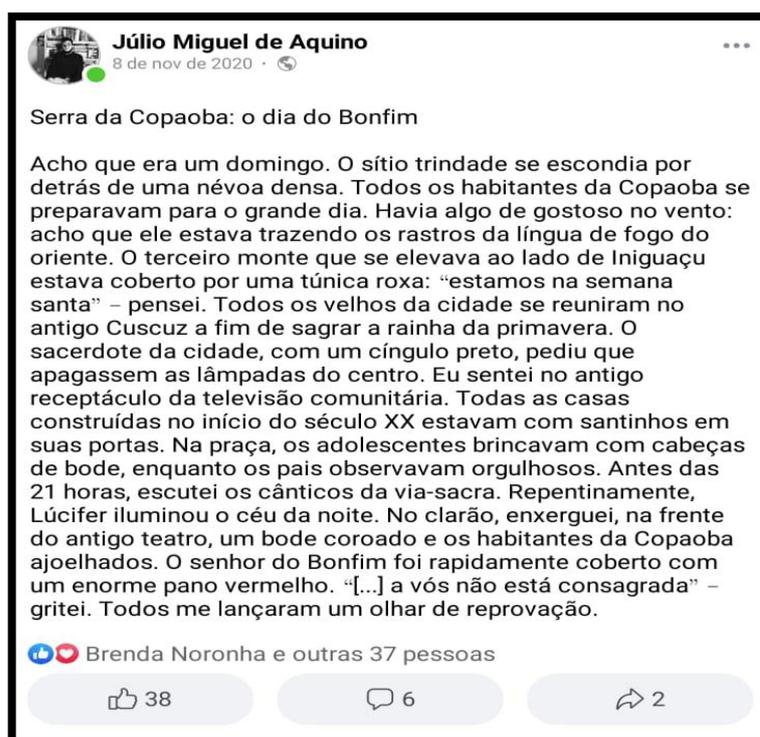
 Comentar

 Compartilhar

ANEXO G – CRÔNICA “METÁFORAS” PUBLICADA NO DIA 12 DE OUTUBRO DE 2019 NO FACEBOOK



ANEXO H – CRÔNICA “SERRA DA COPAOBA: O DIA DO BONFIM” DE JULIO C. M. DE AQUINO CABRAL PUBLICADA NO DIA 08 DE NOVEMBRO DE 2020 NO FACEBOOK



**ANEXO I – CRÔNICA “LÚCIFER” DE JULIO C. M. DE AQUINO CABRAL
PUBLICADA NO DIA 08 DE SETEMBRO DE 2020 NO FACEBOOK**



Júlio Miguel de Aquino
8 de setembro de 2020 · 

Lúcifer

Este pequeno texto tem como temática geral a fauna de uma pequena cidade do interior. Na verdade, trato especificamente da Fauna de Serra da Raiz-PB. Morei nas terras altas por um longo período da minha vida e sempre gostava de conversar com Lúcifer, sobretudo nas noites em que a Lua estava mais baixa do que as nuvens. Naquelas noites amareladas, eu sentava próximo a uma pequena lagoa e esperava a companhia do bom amigo. Vez ou outra, ele chegava sussurrando palavras incompreensíveis. Eu ficava ouvindo, mesmo sem entender. Meu coração dizia: tem algo de profano nas ruas de Serra da Raiz, pois lá uma serpente é idolatrada como deusa. Para ela, toda estação é tempo fértil. Em cada noite, no final de cada ano, o ritual de amamentação acontece. É milagroso, visto que o leite é feito da mesma substância do sangue daqueles que morrem diariamente em decorrência de uma doença desconhecida. Tive medo. Por isso, nas noites de lua baixa, procuro as sombras dos amigos de luz. “A fauna daquela pequena cidade é incrível” – escutei alguém comentar. Fiquei triste, mas isso pouco importa. Pouco importa.

  75 46 comentários 4 compartilhamentos

 Curtir  Comentar  Compartilhar

**ANEXO J – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DOS ANEXOS
FORNECIDOS POR JÚLIO CÉSAR M. A. CABRAL**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu Julio César Miguel de Aquino Cabral brasileiro, casado, portador do CPF sob o nº [REDACTED] e do RG sob o nº [REDACTED] domiciliado no endereço Rua Elias Alves Miranda/Centro/Cuitegi-PB no CEP 58208-000 autorizo o professor pesquisador Cleiton da Silva Duarte Lira devidamente matriculado sob o nº 172450500 no curso de licenciatura plena em português pela Universidade Estadual da Paraíba (PB) a utilizar as duas entrevistas realizadas, por ordem, no dia 30 de outubro de 2020 e 09 de junho de 2021 como ANEXO em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) o qual está sendo orientado pela Prof.ª Dr.ª Maria Sueley da Costa da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, Campus III/UEPB, Guatubira-PB.

Cuitegi – PB

19 de agosto de 2021

Julio César Miguel de Aquino Cabral
Assinatura do declarante